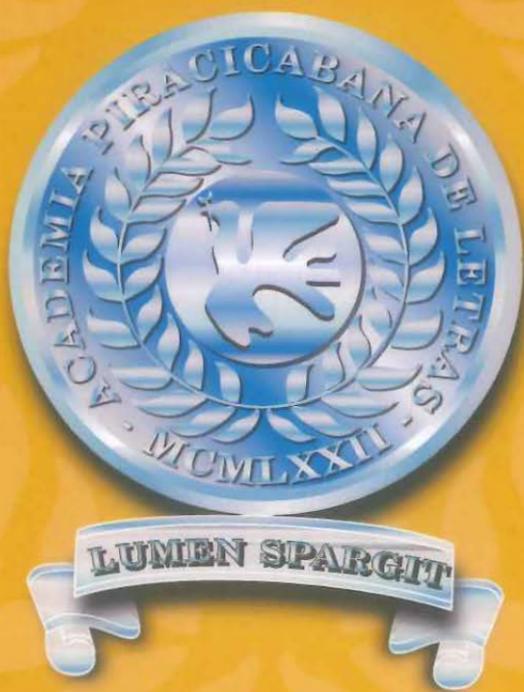


REVISTA DA  
**ACADEMIA**  
**PIRACICABANA**  
DE **LETRAS**



ANO IV - Nº 6  
PIRACICABA - 2012

REVISTA DA  
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano IV – nº. 6  
Piracicaba – novembro de 2012

## REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,  
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,  
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,  
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: [academiapiracicabanadeletras@gmail.com](mailto:academiapiracicabanadeletras@gmail.com)

Blog: [academiapiracicabana.blogspot.com](http://academiapiracicabana.blogspot.com)

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:

Armando Alexandre dos Santos (MTb 36.265)

Endereço: Rua do Rosário, 781 – 13400-183 – Piracicaba-SP

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada  
ao Editor no seguinte endereço:

Rua Alferes José Caetano, 855 ap. 192-A  
13400-120 Piracicaba SP

E-mail: [aaasantos@uol.com.br](mailto:aaasantos@uol.com.br)

CONSELHO EDITORIAL:

Antonio Carlos Neder

Elias Salum

Gregório Marchiori Netto

Gustavo Jacques Dias Alvim

Ivana Maria França de Negri

Mons. Jamil Nassif Abib

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza

Myria Machado Botelho

Samuel Pfromm Netto

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:

Ana Flora Paim Carollo dos Santos

DIAGRAMAÇÃO:

Genival Cardoso

IMPRESSÃO:

Equilíbrio Prints

Rua Alferes José Caetano, 621 – Centro  
Piracicaba-SP

## APRESENTAÇÃO

A Academia Piracicabana de Letras sente-se muito feliz, orgulhosa e realizada em levar a público o 6º. número desta Revista, a qual, com a indispensável direção do seu editor, o acadêmico Armando Alexandre dos Santos, mantém a regularidade e se aprimora cada vez mais, ressaltando assim o nível editorial e cultural dos seus autores, que engrandecem nossa cidade, permitindo mantê-la dignamente com o título de “Atenas paulista”.

Sobretudo para quem conhece as dificuldades que no Brasil enfrentam publicações e iniciativas culturais desse porte, é sem dúvida alguma muito estimulante verificar o sucesso obtido pela publicação, o que nos dá força e coragem para continuar acreditando no sucesso do objetivo da Academia – que é não esmorecer na busca da conquista de valores inestimáveis que se revelem na continuidade dos temas e textos eficientes e bem escritos.

No mais, é desejar aos letrados e aos leitores que o Natal seja Santo e que 2013 traga todas as bênçãos, saúde e belezas a todos os que prestigiam a Academia Piracicabana de Letras.

Abraços afetuosos.

Piracicaba, 30 de novembro de 2012.

*Maria Helena Corazza*  
*Presidente*



## ÍNDICE

Sobre a Língua Portuguesa ( <i>dossiê especial</i> ) .....	7
André Bueno Oliveira – <i>Balanços</i> .....	9
Antonio Carlos Fusatto – <i>Reminiscências de Piracicaba</i> / <i>Ipê Roxo</i> / <i>Monólogo para Enamorados</i> .....	11
Aracy Duarte Ferrari – <i>Fantasma</i> / <i>Esculpindo a vida</i> / <i>Frases soltas</i> .....	15
Armando Alexandre dos Santos – <i>Duas cartas inéditas da Princesa</i> <i>Isabel</i> / <i>Algumas reflexões sobre a École des Annales</i> / <i>Ecos da infância</i> .....	19
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Esquinas improváveis</i> .....	27
Carlos Moraes Júnior – <i>O Homem Matéria</i> .....	29
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>Ecilaalice Século XXI</i> / <i>Amarga inversão</i> / <i>Claraboia</i> .....	31
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>Carta a minha mãe</i> / <i>Cavalgando a mente</i> / <i>A saga do diamante</i> .....	33
Cezário de Campos Ferrari – <i>Minha querida Piracicaba</i> .....	37
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>Amálgama de emoções</i> .....	39
Elias Salum – <i>As mulheres no mundo árabe</i> .....	41
Evaldo Vicente – <i>Pelo sonho de João Chiarini</i> .....	43
Felisbino de Almeida Leme – <i>Tributo</i> / <i>Pai Saudade</i> / <i>No sereno da madrugada</i> / <i>Nas mãos de Deus</i> .....	45
Francisco de Assis Ferraz de Mello – <i>Velhos desconhecidos</i> / <i>Às margens do rio Piracicaba</i> .....	47
Geraldo Victorino de França – <i>Conhecendo a lenda de Aquiles</i> / ... <i>de Midas</i> / ... <i>do nó górdio</i> / ... <i>de Rômulo e Remo</i> / ... <i>de Vênus</i> .....	49
Gustavo Jacques Dias Alvim – <i>As irmãs Schalch</i> .....	53

Homero Anefalos – <i>Quando os delitos são simulados ou dissimulados</i> .....	57
Ivana Maria França de Negri – <i>Índia, encantos e desencantos – I / ... – II / Títulos</i> .....	63
João Baptista de Souza Negreiros Athayde – <i>Estrofes a Castro Alves</i> .....	67
Leda Coletti – <i>Caixa de surpresa / Desrespeito à Flora e Fauna / Três Marias</i> .....	71
Lino Vitti – <i>De caipira a príncipe</i> .....	75
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>Declaração de amor à minha terra</i> .....	77
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Guarda no cofre / Poema pobre / Dona Vida</i> .....	79
Mônica Aguiar Corazza Stefani – <i>Tempo perdido? / Quero</i> .....	87
Myria Machado Botelho – <i>O menino da Candelária</i> .....	89
Olívio Nazareno Alleoni – <i>“O dedo de Deus”</i> .....	93
Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme – <i>Uma Homenagem Justa / Sintetizando / Mitos e valores / Crianças e adolescentes</i> .....	101
Toshio Icizuca – <i>Cadê o papai?</i> .....	105
Valdiza Maria Caprânico – <i>A boneca italiana</i> .....	107
Waldemar Romano – <i>Lembrança e agradecimento</i> .....	111
APL em ação - Noticiário .....	115
Registro Histórico .....	119

## DOSSIÊ ESPECIAL

**Sobre a Língua Portuguesa**

*O clássico escritor lusitano Francisco Rodrigues Lobo  
(1580-1622) exaltou,  
no Diálogo I de seu livro A Corte na Aldeia,  
a beleza e variedade do nosso idioma:*

— Uma coisa vos confessarei eu, Sr. Leonardo, disse a isto D. Júlio, que os Portugueses são homens de ruim língua, e que também o mostram em dizerem mal da sua, que assim na suavidade da pronúnciação como na gravidade e composição das palavras é língua excelente. Mas há alguns néscios que não basta que a falem mal, senão que se querem mostrar discretos, dizendo mal dela; e o que me vinga de sua ignorância é que eles acreditam a sua opinião, e os que falam bem desacreditam a ela e a eles.

— Bravamente é apaixonado o Sr. D. Júlio, acudiu o doutor, pelas coisas da nossa pátria; e tem razão, que é dívida que os nobres devem pagar com mais pontualidade à terra que os criou. E verdadeiramente que não tenho a nossa língua por grosseira, nem por bons os argumentos com que alguns querem provar que é essa; antes é branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver, acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura. Para falar é engraçada, com um modo senhoril; para cantar é suave, com um certo sentimento que favorece a música; para pregar é substanciosa, com uma gravidade que autoriza as razões e as sentenças; para escrever cartas nem tem infinita cópia que dane, nem brevidade estéril que a limite; para histórias nem é tão florida que se derrame, nem tão seca que busque o favor das alheias. A pronúnciação não obriga a ferir o céu da boca com aspereza, nem arrancar as palavras com veemência do gargalo.

Escreve-se da maneira que se lê, e assim se fala. Tem de todas as línguas o melhor: a pronúnciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da francesa e a elegância da italiana. Tem mais adágios e sentenças que todas as vulgares, em fé da sua antiguidade. E, se à língua hebraica pela honestidade das palavras chamaram santa, certo que não sei eu outra que tanto fuja de palavras claras em matéria descomposta quanto a nossa. E para que diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturais, a trazem mais remendada que capa de pedinte.

## Última flor do Lácio

Olavo Bilac (1865-1918)

Última flor do Lácio, inculta e bela,  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela,  
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

## A Língua Portuguesa

José Oliveira San-Bento (poeta açoriano, 1893-1975)

Adoro o nosso idioma, opulento e fecundo:  
– foi a voz de comando, alto clarim vibrante  
da língua em que falou, em Sagres, o Infante  
e Chefes do vigor de D. João Segundo.

E também o amei e com amor profundo  
na voz da minha mãe, meiga, acariciante...  
Adoro o verbo, pois, ou terno ou rutilante,  
em que melhor se diz todo o sentir do mundo!

Ó Língua Portuguesa, alastras em torrentes  
por ilhas e Além-Mar, por longes continentes,  
pelo lindo Brasil de capitoso aroma...

Quero ouvir-te falar à beira do meu leito,  
à hora derradeira, e perto do meu peito...  
– Embala-me na morte, ó meu querido idioma!

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA  
Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

### Balanços

Linda mangueira de infância!  
Nascida em zona rural,  
– na colônia da Fazenda –  
compartilhava comigo  
um saudoso caipirismo  
de uma vida campesina.

Além de mangas maduras,  
me dava um rude balanço  
feito em cordas de sisal.  
Com a aragem moderada,  
seu perfume, na florada,  
atraía beija-flores,  
bem como orquestra de abelhas  
e o matiz das borboletas.

A mangueira envelheceu...  
Quando morta, foi cortada!  
A colônia demolida,  
deu lugar aos canaviais!

Hoje vivo na cidade,  
numa casa pequenina,  
com quintal menor ainda,  
onde tenho um pé de fruta  
de sabor bem agridoce...  
Se assemelha, sim, à manga, (?)  
tão somente pela rima.

Minha linda pitangueira  
que sombreia meu quintal,  
oferta rubras pitangas  
aos sabiás, bem-te-vis,  
aos sanhaços, aos puvis,  
e traz de volta as abelhas,  
as mesmas de minha infância,  
que orquestravam sinfonias,  
com o aval das borboletas,  
sob o olhar dos colibris.

Só não traz o meu balanço,  
aquele em corda-sisal  
que ainda embala saudades.

Mas... o destino sapeca  
que sutilmente ironiza,  
se não resolve, contorna.  
Ganhei no “bingo da Igreja”  
uma prenda benfazeja,  
que estimula meu astral:  
um balanço de madeira,  
muito chique, por sinal,  
feito em cedro e cerejeira.  
Uma pomposa cadeira:  
a Cadeira de Balanço!

Debaixo da pitangueira,  
balançando na cadeira  
com pensamento na infância,  
mentalizo outro Balanço:  
checando Ativo e Passivo,  
ceifando Lucros e Perdas,  
tenho um Saldo Positivo.

Olhos fechados, eu vejo,  
que apesar do velho corpo  
já cansado e sem pujança,  
meu espírito é criança.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO  
Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

## Reminiscências de Piracicaba

De repente... abri a janela de minha vida e deparei-me com o entardecer de uma existência sexagenária.

No horizonte, nuvens doiradas pelo sol do dia que finda, uma brisa leve passeia pelas folhas das árvores embalando-as suavemente, a fragrância das flores no ar, incansáveis colíbris em harmoniosa coreografia bailam de flor em flor, sobre a relva, intensa revoada de insetos e, tendo como fundo deste cenário, céu azul anil.

Nesse devaneio, o pensamento vagueia pelo tempo e direciona a atenção ora para o passado ora para o presente, a alma estremece, vibra diante das recordações, a sensibilidade é mais forte que palavras e sons; traz-me à lembrança a piracema do caudaloso Piracicaba, cardumes de peixes tentando transpor o Salto, como brocados enfeitando o Vêu da Noiva; a velha ponte do Mirante com passarela de madeira; a guarita do guarda da Sorocabana cheia de cestos e jacás de bambus, construídos entre uma passagem e outra da “Maria Fumaça”, como forma de passatempo e reforço de salário; o jardim da ponte com suas frondosas árvores quase engolindo o coreto; as pescarias noturnas no Salto do Piracicamirim dentro da ESALQ; as chaminés do Engenho Central, soltando fumaças negras voluteando no ar; as cerâmicas da Rua do Porto, contrastando com a densa mata ciliar e harmonizando-se com a Vila dos Pescadores. Ouço o inconfundível sino do bonde, tocado pelo cobrador a cada passagem recebida, o berrante ao longe anunciando a chegada de mais uma boiada com destino ao matadouro, as melodias das orquestras tocando no Clube Coronel Barbosa, o som ensurdecedor dos teares da Fábrica de Seda, na Vila Rezende, e da Fábrica Boyes, o apito do trem chegando às 22:00 horas na Estação da Paulista, a alegria da garotada ora brincando nas águas do cristalino Itapeva, ora jogando futebol com bola de borracha, bolinhas de gude, rodando pião, corrida de pega-pega; entre tantas outras brincadeiras.

As meninas, brincando de roda e cantando canções folclóricas

hoje quase totalmente esquecidas, pulando corda, amarelinha, entre outras.

De repente... volto ao presente: o velho Piracicaba, qual esqueleto leuquêmico, curvado sob o peso da poluição, carregando toneladas de resíduos.

O jardim da Ponte não mais existe, o negrume do asfalto contrastante com a alvura das edificações, todo o verde foi engolido... E a velha "Maria Fumaça"? O bonde? O troar das boiadas na ponte? O cheiro gostoso de garapa do Engenho Central? O bosque da Casa do Povoador, com seu murmurante regato? Os saraus dançantes com famosas orquestras? O encontro da boemia nas madrugadas, no Bar Bola Sete?

Das cerâmicas da Rua do Porto, somente altivas chaminés persistem no tempo, como dedos da natureza em riste, denunciando o homem por suas agressões nefastas.

Ah! Que nostalgia, que poder de juventude carrega meu coração; pulsa entusiasmo.

O tempo, na minha memória, vibra a emoção misteriosa das noites de luar, a estender réstias de pratas pelas árvores, telhados e o rio, os acordes de violões seresteiros nas madrugadas frias, bailes juninos nos terreiros, muitas vezes à luz de lâmpíões, as brincadeiras com busca-pés e os bate-papos até altas horas da noite.

Essas emoções ou ansiedades povoam o meu espírito, dando-me a sensação de que vivo perenidades.

Empolgado, o arrebatamento leva-me a cantarolar meio desafinado alguns boleros; enquanto irradiam ainda mais minhas emoções.

O passado deixou saudade, nostalgia, há canções que machucam o coração, pela poesia e ritmo das notas musicais.

Como é interessante o subjetivismo humano!

Em meu peito permanece a nostalgia de ontem, o que será amanhã?

Recomponho na mente todo o itinerário percorrido nas asas do tempo, e sinto que, no âmago do meu ser, ainda palpita forte a juventude, ainda há um garimpo de energias vitais.

Minh'alma é um relicário guardando inúmeros papéis, sou mais um protagonista no belo espetáculo da vida, cujo palco é o mundo e o tempo interminável.

## Ipê Roxo

Ipê roxo, florido,  
alegria dos transeuntes.  
Hoje, esqueleto sofrido,  
por inconsequente atitude.

Crescido em plena calçada,  
plantado por ancestrais.  
Você, ipê roxo florido,  
logo não veremos mais.

Germinar, crescer e florir,  
florido era lindo demais.  
Enquanto você morre aqui,  
plantarei outro, n'algum lugar.

Seus galhos, outrora floridos,  
salpicavam o chão flóreo.  
Qual tapete de antódio,  
quando pelo vento batido.

Você, ipê roxo florido,  
refúgio dos bem-te-vis.  
Formosura das primaveras,  
logo, não estará mais aqui.

Minhas palavras se vão.  
E, suas folhas, a amarelar.  
O ruim disto tudo é  
a expectativa do esperar.

O tempo passa, outrora belo e imponente,  
hoje mutilado e enfraquecido.  
Eu o olho amargurado,  
como você, abatido.

E digo adeus!  
Adeus, meu ipê roxo florido...

## Monólogo para Enamorados

A chuva fina tamborilava no capô do carro, que rodava calmamente pela estrada escura e sinuosa, a seu lado ela falava, ora assuntos amenos, ora coisas interessantes, às quais, nas entrelinhas, ele também fazia alguns comentários, muito embora seus pensamentos vagassem, criando uma miscelânea de fantasias.

Mas, cada vez que ele a olhava, tinha vontade de gritar ao mundo tudo que por ela sentia; várias vezes mordeu os lábios para não dizer-lhe: te amo!

Quando se despediram, não pode conter o desejo de saciar sua sede naqueles lábios, mas que decepção!..., não fora um ladrão astuto e corajoso o suficiente, para roubar-lhe o beijo tão desejado, afinal seria apenas um beijo!

A porta foi fechada, logo, ele estava completamente só.

Ele e a chuva; ambos e a solidão.

Não pensar em nada, esquecer de tudo... fugir de tudo... mas como? Se uma dor sinestésica dilacera-lhe a alma?

— Ah!... não queria desejar esse amor, afinal tudo estava tão bem..., gemeu como um animal ferido; solteiro, uma vida livre, por quê? logo eu? pensava, e justamente ela?...

Frente a frente com estas lembranças, sorri debilmente e volta a pensar...

Pensar novamente na noite passada, outra noite, na mesma hora, quando a viu pela vez primeira, namorando com seu amigo, quando descobriu que os sentimentos por ela já não eram mais uma simples amizade.

Agora, na quietude escura do seu quarto, que as luzes da noite maculam com sua claridade, está só. Lá fora, além da janela, o vento sopra e a chuva continua...

E ele pensa.

Como sempre, pensa nela, sente a fragrância do perfume que ela usava.

Já não quer esquecê-la, ama-a perdidamente, cada vez mais, a cada momento quer estar a seu lado, como se fosse o único. Mas... a realidade é outra; e as últimas luzes se apagam na avenida, pois amanhece, para tudo outra vez...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI  
Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion

## Fantasmas

Nos filmes de terror os fantasmas são verdadeiros protagonistas, e sua permanência entre nós é tão normal, que os londrinos inventaram fantasmas notáveis, nos castelos tidos como assombrados, que perturbam e instigam a imaginação fértil de milhares de pessoas de todo o mundo. Apesar disso, tais castelos faturam fortunas todos os anos, por causa dos seus fantasmas e das histórias que contam sobre eles.

Não deixa de ser uma curiosidade, afinal, o viver seria inosso se não estivesse salpicado de fatos pitorescos e intrigantes. É bom deixar a seriedade dos compromissos e dar uma relaxada abrindo espaço para falar sobre duendes, fantasias e fantasmas. Há alguns *causos* bem divertidos e envolventes que nos fazem rir à vontade, mas alguns são tão verossímeis que chegam a amedrontar.

Eu nunca tive o prazer, ou o desprazer, de ver um fantasma, mas algumas pessoas, a maioria delas já de idade avançada e pouca escolaridade, são convictas e afirmam ter visto almas penadas que se encontram em outro plano e vêm para o nosso mundo para terminarem o que devem fazer: alguma coisa que foi interrompida por causa da morte da pessoa. Eu não acredito, mas respeito e acho interessante o pensamento dessas pessoas.

Na verdade, desde crianças todos nós temos lembranças de vários *causos* sobre fantasmas. Para mim um deles ficou gravado em minha memória e relembro com frequência. Dois estudantes gaiatos corriam e dançavam por entre as lápides de um cemitério, até que encontraram um coqueiro, bem perto do muro, e com uma vara tentavam apanhar os coquinhos amarelinhos, quando alguns frutos caíram na rua bem em cima de dois bêbados que cochilavam na calçada... Um dos rapazes gritou: “Pega, pega, os que estão lá fora”.

Nesse momento noturno, intenso e escuro, sem lua e estrelas, os dois bêbados ouviram a conversa. Sem perceber a presença física de alguém, apenas ouvindo o som forte de vozes, entenderam, de súbito, que

alguém viria pegá-los, já que eles estavam do lado de fora. Assustados, precipitaram uma corrida intensa sem destino, perdendo o retorno às suas casas e deixando de fazer aquele trajeto por muito tempo.

## **Esculpindo a vida**

Vivemos num vaivém contínuo e desconexo, que nunca chega e não leva a lugar algum. Não raro, nos pegamos realizando tarefas repetitivas e inúteis, na esperança de ter como retorno alguma forma de compensação, que jamais nos é dada. Nosso comportamento cotidiano é tão automático, que muitas vezes duvido que existam aquelas tais normas que nos regulam, ou nos fazem vivenciar fatos. Muitas vezes me pego negando a tal sociologia, pois na minha vida os fatos acontecidos nem sempre estão aliados a caminhos pré-estabelecidos, trilhados somente dentro de parâmetros definidos!

A história diz justamente o contrário do que os sociólogos imaginam, porque ela não ocorre emoldurada por modelos. Ela acontece apenas como uma sucessão de fatos que envolvem pessoas diversas, que vivem vidas particulares. As pessoas que fazem a história não são sempre líderes, que realizam coisas prodigiosas, de tal monta que fazem outras pessoas seguirem seu exemplo. Pelo contrário, a história acontece no seio da humanidade comum, onde ninguém está buscando notoriedade, mas pensando somente naquilo que lhe interessa, porque já que a vida humana é um constante desafio, aquele que se rebela contra o senso comum, aquele que protesta porque alguma coisa está errada, está se destacando na multidão e na certa está escrevendo a história.

Quem protesta contra situações indesejáveis, sem perceber, subliminarmente, é cobrado a assumir um determinado papel, próprio de quem está em posição de liderança e provoca novas adaptações, como também, com suas ações, leva outras pessoas a infringirem as normas, para lutar contra determinados padrões. E mais... Eles nos ensinam que não podemos nos omitir, pelo contrário, devemos, sim, dentro de parâmetros bem definidos, tomar as atitudes necessárias, quando assim julgarmos conveniente e de acordo com o momento.

Por outro lado, papéis assumidos como imposição, motivados

por normas definidas, não produzem nem realizam, impedem o crescimento e a ação individual, porque, a partir do momento em que assume um papel, o ser se torna o grupo e o formaliza como se fosse o ser.

Assumir livremente desafios, adotar novas atitudes e comportamentos atípicos, são necessidades e não definições históricas e sociológicas, baseadas nas nossas experiências anteriores. Só a liberdade de ser, de sentir, de viver sem a camisa de força do todo humano, nos fará ir esculpindo a vida de acordo com nossa personalidade e dentro do contexto da nossa vivência.

### **Frases soltas**

Sentirei o silêncio  
que foge para o horizonte  
sob o calor dos raios lunares.  
A flor abre suas pétalas macias,  
coloridas, anunciando o amanhecer.  
Folhas naturalmente amarelas,  
alegram-se com o outono.  
É gratificante invadir o espaço vazio  
do tempo no contratempo.  
É necessário um tempo  
para meditar sentindo  
a importância de cada momento,  
no momento exato.

Em noite clara percebem-se as nuvens  
bailando num vaivém ritmado  
gracejando com a lua  
e aguardando a chegada do astro rei.



---

## COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado

### Duas cartas inéditas da Princesa Isabel

Aqui venho divulgar, em primeira mão, duas cartas escritas pela Princesa Isabel em 1908, ambas relativas ao casamento de seu segundo filho, D. Luiz de Orleans e Bragança (1878-1920).

A primeira delas, escrita em português, participa ao Rei D. Manoel II, de Portugal (1889-1932), a renúncia que o primogênito da Princesa, D. Pedro de Alcântara (1875-1945) fizera de seus direitos hipotéticos ao trono do Brasil, e a consequente ascensão do secundogênito à condição de herdeiro imediato da Princesa.

D. Manoel, último Rei de Portugal, subira ao trono poucos meses antes, em circunstâncias trágicas, após o assassinio de seu pai, o Rei D. Carlos, e de seu irmão primogênito, o Príncipe Real D. Luís Filipe, no famoso atentado do Terreiro do Paço, ocorrido em 1-2-1908. Manteve sempre relações muito próximas com a Princesa Isabel e com seus parentes brasileiros. Destronado pela revolução republicana de 1910, seguiu para o exílio, na Inglaterra, onde se casou com a Princesa Vitória Augusta de Hohenzollern-Sigmaringen. Faleceu em 1932, sem deixar filhos. Com sua morte, extinguiu-se o ramo liberal da Casa Real Portuguesa, que descendia de D. Maria II e havia perdido, assim como os Bragança do Brasil, a varonia de Bragança. O ramo miguelista da Casa de Bragança, descendente do Rei D. Miguel I – ramo esse que conservara a varonia bragantina – foi, então, reconhecido pela totalidade dos monarquistas lusos como único herdeiro das tradições do antigo regime, encerrando-se assim uma questão dinástica que durara um século.

A segunda carta, escrita em francês, foi enviada ao Papa São Pio X, então reinante, participando o noivado de D. Luiz com a Princesa Maria Pia de Bourbon-Sicília (1878-1973) e rogando que o Pontífice abençoasse o casal.

S. Pio X nascera em 1835, numa humilde família do norte da

Itália, na região do Vêneto. Seu nome era Giuseppe Sarto. Foi com grande sacrifício que conseguiu estudar e ordenar-se sacerdote. Quando menino, para cursar a escola primária precisava caminhar diariamente 14 quilômetros, e o fazia descalço, para poupar os preciosos sapatinhos que necessitava usar durante as aulas.

De grande inteligência e ainda maior piedade, dirigiu-se para o Seminário de Pádua, onde fez seus estudos de Filosofia e Teologia. Ordenado sacerdote em 1858, foi designado para auxiliar do pároco de Tombolo, uma pequena aldeia onde serviu durante nove anos. Foi, depois, pároco de Salzano, uma aldeia um pouco mais importante, durante outros nove anos. Nos nove anos seguintes, foi cônego, reitor do seminário e vigário geral na diocese de Treviso. Nomeado Bispo de Mântua em 1884, lá ficou por mais nove anos, sendo em seguida elevado a Cardeal-Patriarca de Veneza. Estava já nove anos nessa altíssima dignidade quando foi eleito Papa.

A se manter a curiosa coincidência de durar nove anos cada uma das fases de sua brilhante carreira, deveria morrer nove anos depois... Mas isso não ocorreu, pois Deus o conservou no Sumo Pontificado durante onze anos.

Faleceu em 1914, poucos dias após a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Já em vida gozava de fama de grande santidade, e lhe eram atribuídos diversos milagres. A Princesa Isabel tinha, por ele, grande veneração. Depois de falecido, multiplicaram-se as graças alcançadas por sua intercessão. Foi beatificado em 1951 e canonizado em 1954.

Em todas as fases de sua vida, sempre foi religioso exemplar. Foi modelo de seminarista, modelo de coadjutor, modelo de pároco, modelo de cônego, modelo de bispo, modelo de cardeal, modelo de Papa. Seu lema, "omnia instaurare in Christo" (tudo restaurar em Cristo), acompanhou-o desde a humilde aldeiazinha em que começou a trabalhar até o sólio de São Pedro. O Pontificado de São Pio X, embora tenha transcorrido num período particularmente difícil e conturbado da História da Igreja, deve ser considerado um dos mais fecundos de toda essa História.

Ambas as cartas são manuscritas, do próprio punho da Princesa, com sua letra regular e inconfundível. Serviram como rascunho para as missivas efetivamente enviadas aos respectivos destinatários e, ao mesmo tempo, foram conservadas como documento de arquivo. Estiveram durante décadas no arquivo da Família Imperial do Brasil.

Emprestadas pelo Príncipe D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança (1909-1981) ao Prof. Alexandre Eulálio Pimenta da Cunha (1932-1988), foram por engano, depois da morte deste último, incorporados ao acervo doado à Unicamp pelos seus herdeiros. Atualmente estão no CEDAE (Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio), no Instituto de Estudos da Linguagem-IEL, da Unicamp. A segunda das cartas estava classificada erradamente, no catálogo do CEDAE; o funcionário encarregado da classificação não identificou, pelas palavras iniciais “Très-Saint Père”, que o Papa era o destinatário da missiva, e classificou-a como sendo “destinada a pessoa não identificada”. Provavelmente por isso terá passado despercebida por outros pesquisadores que, antes de mim, haviam pesquisado essa documentação.

Passo à transcrição da primeira carta, respeitando a ortografia e a pontuação originais:

*“9 de Novembro de 1908, Eu.*

*Querido sobrinho*

*Os estreitos laços de parentesco e a amizade que em todas as ocasiões nos testemunha me levão a annunciar-lhe que meu querido filho Pedro estando resolvido, com nosso consentimento, a casar-se com a Condessa Elisabeth Dobrzensky filha solteira do Conde Dobrzensky de excellente familia austriaca, mas não de estirpe regia, por este motivo renunciou por si e sua descendencia a seus direitos ao throno do Brasil, recahindo estes portanto, depois de mim, no meu querido filho Luiz.*

*Creia-me sua tia mto. afeiçoada,”*

As palavras “por si e sua descendencia” estão acrescentadas, ao texto da Princesa, com a letra de seu marido, o Conde d’Eu, que também anotou, no alto, a lápis, os seguintes dizeres: “Carta escripta ao Rei de Portugal pela Senhora Dona Isabel”. O acréscimo terá sido sugerido, para maior clareza do alcance futuro da renúncia, pelo Conde d’Eu a sua esposa, e terá sido incorporado ao texto da carta definitiva. A anotação a lápis terá sido aposta por ele, que era muito organizado e metódico, para que, nos arquivos familiares, ficasse sempre bem claro quem era o destinatário do documento.

Passo à transcrição da segunda carta, no francês original, seguida da respectiva tradução:

*“Très-Saint Père*

*Permettez à vos tout dévoués enfants de venir faire part à Votre Sainteté de leur bonheur pour les fiançailles de leur second*

*filis Louis avec la Princesse Pia de Bourbon fille du Comte et de la Comtesse de Caserta. En même temps nous implorons pour eux une bénédiction toute spéciale à l'occasion de leur mariage qui doit avoir lieu dans la seconde quinzaine d'Octobre. Pia est une garantie de bonheur. Elle réunit toutes les qualités que je désirerais à ma belle-fille. En plus elle porte, Très-Saint Père, un nom de baptême qui m'est cher entre tous.*

*Nous prions Votre Sainteté de continuer à croire toujours à tout notre entier, et permettez-nous d'ajouter à tout notre respectueusement affectionné dévouement, dévouement et affection d'enfants qui se prosternent aux pieds de Votre Sainteté.*

*Château d'Eu, 15 Sept. 1908"*

Tradução:

"Santíssimo Padre

Permiti a vossos devotadíssimos filhos que venham participar a Vossa Santidade sua felicidade pelo noivado de seu segundo filho Luiz com a Princesa Pia de Bourbon filha do Conde e da Condessa de Caserta. Ao mesmo tempo imploramos para eles uma bênção muito especial por ocasião de seu casamento, que deve ter lugar na segunda quinzena de outubro. Pia é um penhor de felicidade. Ela reúne todas as qualidades que eu desejaria para minha nora. Ela porta ademais, Santíssimo Padre, um nome de batismo que me é entre todos caro.

Pedimos a Vossa Santidade que continue a crer sempre em nosso inteiro – e permiti-nos acrescentar – em todo o nosso respeitosa e afetuoso devotamento, devotamento e afeto de filhos que se prosternam aos pés de Vossa Santidade.

Castelo d'Eu, 15 de setembro de 1908."

No momento estão sendo dados os primeiros passos para a abertura oficial, na Arquidiocese do Rio de Janeiro, do processo de beatificação da Princesa Isabel. Se esse processo for adiante, será indispensável a coleta e catalogação, para exame pelas autoridades do Vaticano, de toda a correspondência privada da Princesa.

À guisa de modesta contribuição, aqui ficam estas duas cartas.

## Algumas reflexões sobre a *École des Annales*

Nos primeiros anos do século XX, numa sala de aula de prestigiosa universidade suíça, certo grande mestre, tido na época como o maior físico da Europa, dirigindo-se aos alunos do alto da sua cátedra, lhes disse:

— Os Srs. escolheram uma bela ciência para estudar, a Física. Cumprimento-os pelo bom gosto, mas devo dizer-lhes que não fizeram uma boa escolha. Se quisessem ter futuro, deveriam ter escolhido alguma outra ciência que ainda pudesse progredir. Isso não acontece, infelizmente, com a nossa Física, onde tudo o que podia ser descoberto já o foi.

Um dos alunos que o ouviam era um judeuzinho alemão de nome Albert Einstein... Enquanto ouvia essa tolice proferida solenemente do alto de uma cátedra, devia estar ruminando suas idéias, porque já em 1905, ano da conclusão de seu curso, aos 26 anos de idade, publicou os célebres cinco artigos em que expôs suas teorias que revolucionariam o ensino da Física.

O mesmo Einstein, anos depois, mais amadurecido e experimentado nas lutas da vida, resumiu numa frase que se tornou célebre seu desencanto com a mentalidade errônea de quem já sabe tudo, de quem acha que nada mais há para aprender: “É mais fácil quebrar um átomo do que romper um preconceito”.

Lembrei-me quase imediatamente do jovem Einstein na universidade suíça, quando me pus a pensar para redigir este artigo.

De fato, os homens do século XIX eram dogmáticos, acreditavam sinceramente estar na posse da verdade em qualquer campo. Eles, que muitas vezes negavam os dogmas religiosos, acreditavam nos dogmas da Ciência, erigida quase ao nível de uma inquestionável e intolerante religião nova. Eram positivos, metódicos, maduros, “espíritos fortes” sem feminilidades ou infantilidades.

Pela minha idade (tenho 58 anos), e pelo fato de ter convivido muito com pessoas da geração de meus tios-avós, ainda convivi, na minha infância, com muita gente nascida no século XIX. Todos, homens e mulheres, eram afirmativos em excesso, até nas coisas mais simples. Pareciam viver só de certezas, de nada tinham dúvidas ou hesitações. Não entendiam os matizes, os meios-tons, os aspectos fugidios ou camaleônicos da realidade.

Eram pessoas que acreditavam piamente no mito do progresso irrefreável da Humanidade, imaginando que, tão logo a Medicina resolvesse o problema do câncer (que na época era o grande espantelho que aterrorizava as mentes, já que um diagnóstico “daquela doença” cujo nome muitos nem ousavam pronunciar equivalia a uma sentença de morte) a expectativa de vida subiria para 120 ou 130 anos. Foram pessoas dessa geração que pagaram custosos procedimentos para serem congeladas, na esperança de, mais tarde, serem reanimadas e curadas de seus males por avanços imaginários da futura Medicina. Os Estados Unidos estão cheios de “clínicas” dessas, com cadáveres congelados há 30, 40 ou 50 anos... à espera do Juízo Final!

Desculpem-me os leitores esta longa introdução que parece nada ter a ver com o tema do artigo. É que ela me parece conveniente para se imaginar o clima psicológico dentro do qual Marc Bloch e Lucien Fèbvre começaram a publicar, em 1928, a *Revue des Annales*, que se tornaria famosa e haveria de revolucionar os estudos da História no mundo inteiro.

Até então, o que vigorava era o positivismo, crença de caráter cientificista, determinista e evolucionista, segundo a qual a História era um traçado linear perfeitamente pré-traçado e previsível. O próprio marxismo pagava pesado tributo a essa mentalidade, na medida em que traçava leis que supunha inelutáveis para o desenvolvimento das sociedades.

A mentalidade cientificista contagiara a Historiografia, sobrevalorizando o documento escrito, único (ou quase único) elemento considerado válido para uma análise histórica científica. “*Scripta manent, verba volant*” (as coisas escritas permanecem, enquanto as palavras voam), pensava-se. O admirável Fustel de Coulanges tem uma frase que é profundamente verdadeira ou profundamente falsa, dependendo da interpretação que se lhe dê: “*Pas de documents, pas d’Histoire*”. É verdadeira, se entendermos documentos em sentido amplo, é falsa se considerarmos documentos apenas em sentido estrito, ou seja, apenas documentos escritos e oficiais.

Ora, nos primeiros anos do século passado o avanço científico abriu, em várias áreas, horizontes novos, questionando e pondo em cheque noções anteriormente admitidas como dogmáticas. Isso abriu novos desafios para a humanidade, permitindo que o próprio conceito de ciência fosse revisto, como destacou Bloch já em seus primeiros escritos.

Dada a natural influência que as ciências — por mais diversas que

sejam as respectivas naturezas e áreas de atuação — exercem entre si, era compreensível que os horizontes novos abertos pela nova Física e por outros análogos avanços na Química e na Biologia, de alguma forma influenciassem as Ciências Humanas. Era natural, pois, que a História sofresse influência disso, assim como também as Ciências Sociais.

Entra aí o papel dos inovadores da *École des Annales*. Sua primeira luta foi contra os metódicos e os positivistas que pontificavam nas cátedras de todo o mundo. Deixando de considerar somente os fatos isolados (a famosa “*histoire événementielle*”) e focalizando as continuidades, as permanências, as rotinas estabelecidas; privilegiando a interdisciplinaridade, em especial com as chamadas Ciências Sociais; relacionando com coragem problemas do presente com situações análogas do passado; levantando com ousadia hipóteses explicativas (o famoso “SE”, que não faz a História mas ajuda a fazê-la) — os intelectuais da *École des Annales* se transformaram em polo de referência para a renovação dos estudos históricos na França, na Europa e no mundo inteiro.

Agora, 80 anos passados, temos condições de fazer um balanço crítico de suas realizações. Vemos suas limitações (inegáveis, sem dúvida, especialmente no privilegiar tanto os aspectos meramente econômicos, pagando assim tributo ao marxismo), mas também suas admiráveis amplitude de horizontes. É justo prestarmos homenagem a esses geniais precursores. A coragem com que romperam com os preconceitos então dominantes, os coloca, talvez, na área das Ciências Humanas, no mesmo nível que atingiu um Einstein no mundo da Física.

Uma pergunta que sempre me faço é como Bloch teria evoluído, com sua poderosa inteligência e invulgar lucidez, se sua vida não tivesse sido ceifada, como o foi, em 1944, num campo de concentração nazista. Como ele teria interpretado o mundo pós-Guerra? Como ele teria visto a Guerra Fria, a divisão do mundo em dois blocos, o surgimento do Terceiro Mundo, a corrida espacial, o aparecimento da Informática e a conseqüente generalização da Internet? Como ele se pronunciaria pelo fracasso e colapso final do regime soviético? Que teria ele a dizer sobre a globalização e o reerguer do “perigo maometano”? Que pensaria do ecologismo? Da revolução de maio de 68 na Sorbonne, e de tantos outros fatos e fenômenos dos dias atuais?

Gosto às vezes de imaginar Bloch já centenário, mas ainda bem lúcido, ditando para uma netinha ou bisnetinha o fecho que faltou ao *Ofício do Historiador*, sua obra póstuma inacabada. Um pouco de imaginação, afinal, ajuda a fazer e entender a História, não acham?

## **Ecoss da infância**

Todo feito de doçura e suavidade,  
Se faz ouvir ao longe o belo canto,  
Que evoca de um sorriso a amenidade  
E a compunção de um materno pranto.

Uma a uma, com paz, serenidade,  
e harmonia, as notas vão, enquanto  
Nos arcos as repetem com saudade  
Os ecos, prolongando o meigo encanto.

.... ....

Cada nota desdobra a harmonia  
que outra nota atrás já exprimiu;  
E todas juntas são a melodia  
mais tocante que um ouvido já ouviu.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA  
CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

### Esquinas improváveis

Todas as cidades têm seus cantos secretos: ruas que se cruzam em momentos estranhos, lugares que surgem dependendo do estado de consciência de quem os encontra. Em Piracicaba, um desses espaços mágicos fica no cruzamento da Rosário com a Tiradentes. É uma pequena loja sem nome, com uma placa anunciando “Manuais, guias e tutorias sobre qualquer assunto imaginável”. Meu amigo Luís esteve lá.

Tinha que ser o Luís para descobrir uma esquina onde duas ruas paralelas se encontram! Acontece que ele bebe um pouquinho demais, gosta de escrever poesia, sonha acordado com frequência e, além disso, tem um punhado de parafusos soltos mesmo. Sua maluquice contagiosa afeta a cidade, que é louca por ele. A seu pedido, Piracicaba entrelaça suas ruas a seu redor, criando esquinas improváveis, como rede de proteção.

Quando a loja de manuais apareceu, Luís vinha de uma desilusão amorosa, a terceira do mês. Bebia e uivava pela rua, amaldiçoando essa “droga de vida, que vem sem manual de instruções”, essas “mulheres inexplicáveis do meu coração”. O jeito era morrer porque “Eu me recuso a viver num mundo sem manual!”, ele gritava. “Quero as regras do jogo agora! Agora! Ou desisto de brincar e pulo do tabuleiro da vida. Pulo direto *pra* frente de um carro.”

No cruzamento das paralelas, acenderam-se as luzes da loja. Um vendedor chamou: “Por aqui, poeta! Temos guias, manuais, mapas, tutorias, impressos ou digitais, sobre o mundo e muito mais. Tudo isso a seu dispor. Entre e leia, por favor!” Luís entrou e desapareceu da cidade por um mês. Ninguém sabia dele.

Bombeiros procuravam seu corpo no rio, enquanto Luís, sempre na loja, fartava-se de ler e descobria que os manuais, por melhores que fossem, jamais dariam todas as respostas a tempo. Os guias simplificados eram fáceis de ler, mas desconsideravam as inúmeras

variações possíveis na vida. Coisas simples podiam ter regras simples, como “As Normas da Corda Bamba – Primeiros Passos”, livreto que ele, desafiadoramente, pediu para ver, quando ainda duvidava que o vendedor pudesse apresentar-lhe manuais sobre qualquer matéria.

Assuntos complexos exigiam manuais igualmente complexos, que levariam a vida toda para ler e outra vida para entender. Luís era inteligente demais para dedicar-se a um tema só. Leu sobre a vida, o amor, o possível, o impossível. Misturou tudo na cabeça. Leu sobre organização de ideais. Lembrou-se de perguntar ao vendedor quanto pagaria pelo acesso a tantas informações. “Quase nada, poeta”, respondeu o vendedor, “você paga com seu tempo. O tempo que você passa aqui lendo sobre a vida é descontado do tempo que lhe resta a viver. É bem barato para quem pensava em saltar na frente de um carro, não acha?”

Cheio de dúvidas, Luís preferiu sair da loja. Mal pisou na calçada, mudou de ideia. Tentou voltar para dentro. Não conseguiu. O estabelecimento desaparecera. Em seu lugar, estava um posto de gasolina abandonado.

Luís só conta essa história quando bebe. Apresenta, como prova, anotações incompreensíveis sobre um suposto manual chamado “A Física e a Metafísica da Corda Bamba”.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CARLOS MORAES JÚNIOR  
Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

## O Homem Matéria

Aspectos de dia de chuva. Cheio de neblina. Daquela neblina enfadonha, que causa uma grande tristeza dentro do peito, que não deixa o sol aparecer. Dia triste que começa numa manhã de frio cáustico e termina numa tarde de sol bruto, fervente... Parece até que toda a natureza contribui para as mudanças climáticas impostas pelo próprio homem. Meteorologia de seca e frio, labilidade de tempo que demora a passar, e, quando passa, cai em forma da chuva, de bênção... Sei lá! Mas, na verdade, cai. Para a terra cai o clima que no céu está, que no céu, de aspecto de gelo, forma nuvens de ventania, forma Cirrus de falta de oxigênio. Aspectos estranhos e esquisitos de noite triste, de noite sem destino. De boemia aleatória, de mulheres que vão e vêm, de bebidas e desesperança, que busca nas madrugadas um lugar para dormir. Na semelhança de um bêbado sem vida, sem coisas para lembrar, sem família para amar e sem rumo, que vai deixando pelas calçadas o vômito de sua insensatez e a acidez de sua vergonha de ser assim tão desrespeitado pela vida. Na parecença das crianças que dormitam entanguidas pelos cantos das portas, sob os ferros das pontes, junto ao meio-fio das calçadas escarradas de sangue, pútridas do nojo da sociedade, inundas e fedentinosas, cheias de lixo e de miséria humana. Porque num espaço de tempo muito pequeno é possível ver o homem matéria de forma nua e crua, da forma mais animalesca que ele se apresenta.

Aspectos de um futuro para quem sonha em ganhar algum dia na loteria vivencial, querendo, com isso, procurar *status* onde antes havia indiferença e preconceito, desculpas e invisibilidade, procurar vida onde antes rondava a morte, a indiferença e a impossibilidade de encontrar futuro em algum lugar. E é verdade que hoje se vive de *status* e de poder, de aparências fúteis e de enganos. Como é também verdade que a falta disto nos encosta na condição sub-existencial da carência e do desprezo desumano imposto pelos nossos próprios semelhantes, como

se fôssemos merecedores do desprezo e da miséria, da invisibilidade e da falta absoluta de *status* e de poder...

Aspectos de um mundo que tem, sem se preocupar com o que é, nem com o que poderia ser, ou de que maneira poderia estar. Porque ter é mais fácil do que ser. Verossimilhança desabusada e carente de explicações mais detalhadas. Vaziidade de uma estrutura pseudo-social, que aliena os desajustados e desajusta os sãos. Aspectos da impossibilidade de parar a marcha do progresso para pensar no homem que morre aos poucos, lentamente, envolto na própria máquina que criou, afogado no mesmo mar de egoísmo que plantou, agonizante no mesmo mundo de impossibilidades com que tanto sonhou, que levou tantos milênios para produzir e que não representa nada agora.

Esse homem carente de amor, carente de lazer, de mudança, que vislumbra um viver de maravilhas que é incoerente com a sua realidade. Homem *status*, homem máquina, andróide das vicissitudes, ser esquisito que no mundo habita sem ser convidado. Homem matéria, massificado pelos meios de comunicação que conseguem a destruição das imagens, em prol de uma definição mais objetiva da vivência que não o autoriza a se arvorar em ser o dono de todo o mundo conhecido.

Homem matéria, oprimido pela violência, pela sede de destruir, ocupado na devastação lenta do seu parco *habitat* irrespirável, poluído, asfixiante, onde falta amor, onde falta tanto calor humano...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA  
FERNANDEZ PILOTTO

Cadeira nº 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

### Ecilaalice Século XXI

O reflexo do espelho regurgita  
Um falso riso do gato risonho  
– É tarde! É tarde! Alerta o coelho do relógio

Uma menina afobada  
Atropeia o momento  
No vácuo inócuo tormento da rotina

Da esquina de um beco  
A rainha de copas observa  
E bufa mandos irados e esquizofrênicos  
Tolhendo ação e reação dos intitulados humanos

E o lindo vestido engomado azul celeste  
Com o laço de cetim esteticamente entrelaçado  
Não reflete mais o enredo de nenhum ser contemporâneo  
Cujas cabeças já rolaram há muito nos grandes centros urbanos...

### Amarga inversão

*“Sou pequenina da perninha grossa, vestidinho curto papai não gosta”*  
(Cancioneiro Popular – folclore brasileiro)

Na ordem não natural dos fatos  
O pai contempla a filha  
E se recorda do aconchego ao colo  
em cirandas entoadas  
àquela boneca embalada  
numa cálida tarde de maio

Se Deus foi generoso em sua longevidade  
Por que entregou-lhe um fardo  
De velar sua própria cria  
No outono de sua vida?

O terceiro mistério repassado  
Na desgastada conta do terço  
tenta a busca da serenidade  
dos inexplicáveis desígnios divinos...

### Claraboia

*"Eu pinto o que penso, não o que vejo"*  
(Pablo Picasso)

Um mergulho no vácuo do contemporâneo  
Traz uma dimensão de não-linear assustadora  
E a ordem inversa dos valores  
Leva o homem ao desequilíbrio da própria espécie  
Neuroses  
Esquizofrenias  
Síndromes  
Atopias  
Sintomas de uma mente perturbada

Com o diagnóstico já predestinado  
A alma escapa para outro quadrante  
Na busca de luz própria  
Que a faça sobreviver à Vida

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA  
DE NEGRI**

Cadeira nº 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

### **Carta a minha mãe**

Hoje, mãe, ao acordar, lembrei-me de ti e resolvi escrever-te esta carta.

Há muitos e muitos anos nem pensava em ti, apesar de viver sob teu teto.

Talvez seja porque ontem me disseram que estavas com febre. Contaram-me que tua temperatura se eleva cada vez mais, e nada a faz baixar.

Até hoje, vivo sob teu manto, e me sustentas, tudo me dás, comida, riqueza, paz, felicidade, beleza, e eu, pior que o pior parasita, somente te exploro, roubo tua beleza, harmonia e saúde, e até chego a matar teus filhos pequenos, meus irmãos menores, no egoísmo de ter, cada vez mais.

Mas hoje, quando me falaram de tua doença, que tua febre aumenta sem cessar, percebi que podes morrer... E como dependo inteiramente de ti, que me sustentas, percebi que seria também meu fim.

Perdoa-me, mãe, prometo que vou mudar.

De um filho da Terra.

### **Cavalgando a mente**

Sentado tranquilamente no gramado, sob a sombra do copado ipê florido, estávamos eu e minha mente.

Soltei as rédeas dos pensamentos e deixei-a galopar livremente pelas colinas das lembranças passadas. No galope ritmado, eu ia apreciando as paisagens congeladas no tempo, ao meu redor. Vez ou outra,

penetrava em alguma paisagem nebulosa, que beirava a estrada da vida.

Eu estava leve, montado em um ginete de nuvens, deslizando suavemente no tempo.

Dizem que na verdade o tempo não existe, e acho que é verdade, ele não passa, permanece congelado no espaço vazio da mente e nós passamos por ele, às vezes sem ver suas paisagens.

Agora, aqui sentado, minha mente desliza pelos compartimentos congelados das lembranças, fazendo-os se aquecerem e movendo-os novamente.

Passei pelas colinas da estrada da infância, junto aos meus pais e irmãos, vendo aquele quintal que um dia foi meu mundo por algum tempo.

Depois esse mundo cresceu, passou a ser a rua, onde eu brincava com a molecada da vizinhança, de futebol, pião e bolinhas de gude.

Conforme crescia, meu mundo se expandia pelo bairro todo, pela cidade, extrapolava, atingia os limites do estado, e assim fui feliz, junto a minha esposa e filhos queridos. Minha mente continuou a cavalgar nas colinas do passado e então senti uma dor queimando em minha perna esquerda.

Era um formigão vermelho que resolveu me apear da cavalgada através de dolorida ferroada.

Dia desses, de novo vou selar minha mente para continuar o galope.

## **A saga do diamante**

O diamante nascera do fogo, ungido em meio às lavas rubras e quentes, gerado no magma do útero da mãe terra e ejaculadas pelo vulcão em erupção.

Após esfriar, tornara-se apenas uma rocha sem brilho, cheia de arestas irregulares, incrustada na encosta da íngreme montanha.

Com o passar dos séculos, fustigado pelos ventos gelados e solapado pelas chuvas torrenciais, foi ficando cada vez mais escurecido pelo cascão de sujeira que incorporava.

Alcançou o rio e, no seu leito, foi durante milênios rolando, rolando, em direção ao oceano.

Nunca o alcançou, mas rolou muito pelos riachos, afluentes e rios.

Quanto rolou, quanto perdeu as arestas, até que se tornou igual a tantos outros bilhões de pedregulhos a rolar, sem saber para onde ia, somente sabia rolar, como todos, sem saber o porquê, de onde vinha, nem para onde ia.

Um dia, porém, resolveu parar e ficou preso à beira do rio.

Muitos anos se passaram, e ele ali, estático, embalado pela água fria, algumas vezes suja, algumas vezes limpa, até que um dia foi içado do lodo e sentiu-se rodando num torvelinho estonteante na bateia de um garimpeiro.

Fora achado, escolhido para terrível e bela missão.

Quanto sofrimento passou... Sentiu tirarem lascas de seu corpo, e a cada lasca que perdia, após uma dor lancinante, percebia que uma luz brilhante o penetrava.

Após o calvário da lapidação, toda sua casca suja, adquirida nos milênios de contacto com a terra, fora retirada.

Polido, pelas mãos do ourives, podia agora apreciar seu próprio brilho, refletindo a luz solar.

Tornara-se um diamante lapidado, um belo brilhante de muitos quilates.

Assim também é nossa alma, que vinda do Todo se turva na experiência terrestre para, lapidada pelas mãos do Criador, poder refletir a Luz Divina.



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CEZÁRIO DE CAMPOS FERRARI  
Cadeira n° 12 – Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral

### Minha querida Piracicaba

Uma cidade velha pode ser tachada de indiferente por seus habitantes, justamente porque eles e ela são prudentes. Piracicaba está comemorando hoje 245 anos. Uma senhora que mantém os encantos de uma jovem moçoila em seus trejeitos de adolescente sapeca e que ainda anseia pelo primeiro baile, o primeiro amor e o primeiro beijo. Piracicaba teve, tem e ainda terá muitos e muitos bailes comemorativos do seu aniversário. O amor que temos pela cidade sempre será renovado pelas gerações que se sucederem, vivendo aqui um grande romance permeado de companheirismo e cumplicidade entre todos nós e a urbe.

Ando, viro e, de repente, vem à memória a humilde e linda praça da minha mocidade: a Praça José Bonifácio, ou simplesmente “Praça da Catedral”, por situar-se próximo à Igreja Matriz de Santo Antônio. Que felicidade!!!

Ela era para mim a mais bonita praça da cidade, com seus bancos feitos de concreto bem liso. Em meio à praça, havia o Theatro Santo Estevão e a fonte iluminada bem trabalhada, que chamávamos de Fonte Luminosa. Ao redor dela havia o Banco Mercantil do Estado de São Paulo, a Escola Técnica de Comércio Cristóvão Colombo, a Casa Passarela, o Cinema Polítima, a Lanchonete e Bar Lancaster, o bar da Nova Aurora, a Rádio PRD-6, o Bar Grill Dog, Vitaminado Brasil, o Bar do Giocondo, a Laiteria Brasileira, o Bar e Restaurante Alvorada, o Bar e Restaurante Brasserie, o Banco Moreira Salles, o Banco do Brasil, o Hotel Central, a Matriz de Santo Antônio. Sinto meu coração bater forte. Que saudade! Meu Clube do Sereno, ah!!! F-e-l-i-c-i-d-a-d-e!!!

Uma pequena palavra, apenas dez letras, cuja essência é perseguida incessantemente pela humanidade. Essa tal “felicidade”, que constantemente serve de inspiração para músicas e está entre as palavras mais repetidas pelos poetas, escritores e mais pronunciadas por todos nós, ainda é uma incógnita. Tão subjetiva quanto nossos pensamentos, ela está dentro de cada um. Qual o segredo da felicidade?

Difícil explicar e talvez nem haja explicação. Mas sempre que nos lembramos de uma bela etapa de nossas vidas, como de meus pais – Sr. Alfredo e dona Laura Fernandes de Campos Ferrari – aí está uma grande parte da minha felicidade. Os gregos, em sua saga estética, atrelavam a felicidade à virtude; já os orientais, com sua imensa grandeza espiritual, acreditam que ela só existe quando há paz interior.

Despeço-me dizendo que não hesito em afirmar que a vida é generosa para comigo: deu-me o que esperei, talvez em maior dose do que mereci; proporcionou-me êxito profissional, que obtive pelo trabalho, juntamente com o meu sócio Luiz Carlos Longatto, e, na fidelidade da minha família, reservou-me esta honraria tão importante e tão valiosa, o título que agora recebo, convicto de que as virtudes que em mim os ilustres Vereadores vislumbraram são as mesmas que eles próprios conservam, ou seja, convicto de que estão vendo em mim a sua própria imagem.

Senhor Presidente, Senhores Vereadores, quero agradecer-lhes, com palavras da mais sincera gratidão, o título honroso que agora recebo das mãos do vereador André Bandeira, sabendo que é uma honra e uma distinção do mais alto significado e também recordando que se trata da minha admissão na comunhão dos Piracicabanos Ilustres, povo marcado pela perseverança e qualificado pela grandeza de coração.

Agradeço, sensibilizado, a presença de todos que, deixando os afazeres pessoais e a comodidade familiar, deslocaram-se até esta Casa de Leis, para tornar este evento ainda mais solene e mais tocante.

Muito obrigado a todos! Boa noite!

(Discurso pronunciado na Câmara Municipal de Piracicaba, a 1-8-2012, na sessão em que recebeu o título de *Piracicabanus Praeclarus*)

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA  
SILVEIRA**

Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

### **Amálgama de emoções**

Mentes afortunadas parecem estar sempre de prontidão a recordar no recôndito do passado reflexos de realidade, como flash do ocorrido, das passagens advindas da somatória dos anos vividos, incrustados nas reentrâncias de algumas lacunas da mente. Não é essencial ser um modelo de intelectualidade ou singrar por meio de faculdades ou universidades para obter de Deus o talento de exteriorizar o saber que se esconde num temperamento introvertido, que denota em seu âmago um talento artístico ou outro qualquer, abafado pela insegurança ou pela ausência de autoestima.

Enclausurar-se para vivenciar um hermetismo claustrofóbico é evasão da realidade! A comunicação é necessária, entre humanos ou animais, mas, numa escala mais elevada, em que predominam valores mais complexos, ela se torna a maneira de um indivíduo passar ao outro a sua mundividência e as ideias, os desejos, as decepções. Neste sentido até a flora se comunica, evidenciando emoções quando estressada ou na iminência de ser destruída.

Pedras lisas e angulosas, expostas nas praias paradisíacas ou nos desertos ermos e longínquos, parecem objetos soltos nos metros quadrados da desilusão que grassam nas miragens fortuitas do cérebro daqueles que se enroscam em elucubrações nefastas, que levam a uma ótica desvirtuada da verdadeira dimensão do observador, a esclarecer aquilo que não entendem: que, sob o mesmo ponto de vista, seres inanimados também são capazes de sentir.

O vazio é o caos da mente solitária e se apresenta como uma nebulosa de conflitos psicológicos voltada para a destruição do próprio eu, porque ao solitário, enredado em pensamentos nefastos e negativos, não é dado dimensionar em escalas descendentes mais do que o seu próprio umbigo, sem desejar a convivência social e harmônica com outras pessoas da família e da comunidade.

O escritor, por mais solitário que possa parecer seu ofício, tem uma válvula de escape quando exterioriza do seu âmago o que lhe vai na alma, esgotando nessa ação seus medos e angústias, para se quedar num êxtase de felicidade momentânea e bem estar. São cerdas que compõem seu artefato de comunicação com os leitores, que muitas vezes funcionam como um instrumento estereotipado de fuga, que encontra eco somente na exteriorização do personagem idealizado e camuflado na sua vida cotidiana. E isso nada mais é do que lamentar buscas infrutíferas de amor nos meandros de algum relacionamento, no qual impera o egoísmo, ou desejar emoções que podem se tornar muito vagas, quando a expectativa é a frustração, a decepção de não receber nada em troca. Tudo que é doado num extravasamento de amor tem volta, porque a doação é inerente ao ato processado, é um contingente da lei universal do retorno, que é perfeita por ser lei divina gerada nos círculos evolutivos, consoante com suas consequências para a colheita.

O viver é a escola mais perfeita para se aprender sobre o que representa este ato tão compensatório, tão misterioso e complexo. Por isso, da mesma forma que quando lemos certos livros nos deixamos levar pela emoção da trama, se nossa vida fosse contada como o enredo desse livro, poderia ser da mesma forma fascinante, porque ela tem todos os ingredientes de que o escritor precisa para estabelecer e usar para criar um clima de empatia ou de repulsa entre os personagens e o leitor.

Assim também acontece nos relacionamentos, que nada mais são do que uma troca emocional de sentimentos. Aquele que demonstra verdadeiramente o que sente e anseia será livre para alcançar as estrelas e trocar amor com muitas pessoas. Da mesma forma, aquele que sufoca dentro de si tudo o que lhe vai na alma, sem exteriorizar seus anseios, seus sonhos, suas dúvidas, se enclausura em seu próprio cárcere, na sua cela mental, sem direito a receber visitas.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ELIAS SALUM**  
Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini

### **As mulheres no mundo árabe**

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), os árabes intensificaram as emigrações, as quais haviam tido início em 1880, pelo mundo, sendo o Brasil o destino mais visado. Nessa época iniciou-se a vinda dos imigrantes árabes para Piracicaba, ocasião em que se deu a fundação da Sociedade Beneficente Síria, em 16 de novembro de 1902, com sua primeira sede na rua 13 de Maio, próxima à rua do Rosário. Em 1955, a Sociedade transformou-se, passando a ter a denominação Sírio-Libanesa. Em 1926, instalou-se na rua do Comércio, hoje Governador Pedro de Toledo, nº 1045, onde até hoje ocorrem as reuniões e atividades culturais, filantrópicas e sociais.

A referida imigração trouxe ao nosso país os usos e costumes árabes, que até hoje são recebidos e assimilados positivamente pela comunidade piracicabana. No passado, os imigrantes se instalavam como comerciantes, com lojas de tecidos e armarinhos, além dos mascates que levavam as mercadorias para a zona rural. Nessa tarefa, os mascates eram verdadeiros mensageiros, na divulgação dos acontecimentos da zona urbana, que transmitiam aos moradores rurais.

Nesse contexto, as mulheres também desempenhavam papéis importantes nas comunidades em que viviam. Um desses aspectos eram as revoltas populares do mundo árabe, conforme informativos enviados pelo Instituto da Cultura Árabe de São Paulo (ICA), e divulgados na revista árabe “Chams” (nome que significa Sol). Para Soraya, do ICA, é importante que se ressalte a participação ativa das mulheres em diversos processos sociais, por se tratar de um momento histórico fundamental da luta pelos direitos para todos os cidadãos, homens e mulheres, dos países árabes.

Nesse processo de engajamento, as mulheres árabes continuam atuando nas mais diversas frentes. Recentemente, devido aos movimentos sociais em diversos países árabes elas participam ativamente na mobilização social e sua divulgação, via internet e nas

redes sociais, como Facebook e Twitter, o que vem atraindo a atenção da mídia ocidental. Isso tem ocorrido, entre outros países, no Egito e na Tunísia, onde a participação feminina tem se destacado tanto quanto a dos homens.

Ainda é comum achar que todas as mulheres do Oriente Médio são oprimidas. Não podemos deixar de mencionar que, em diversas áreas e aspectos, as mulheres brasileiras também lutam por direitos igualitários e por ocupar sua posição na sociedade, que lhes cabe e que merecem.

\* \* \*

Um dos aspectos pelos quais se aborda a temática das mulheres é o religioso. Nesse ponto pode haver uma tendência de considerar as mulheres árabes pelo nosso referencial do Ocidente. Daí o uso do véu causar tanta polêmica. Como relata Soraya, do ICA, as mulheres árabes têm os seus rituais e suas vestimentas próprias e, em alguns países, o véu virou um item de identidade cultural e de resistência. Em outros países, é tido como um adereço de moda, não uma obrigação. A peça possui um valor simbólico que vai além do aspecto religioso; é uma afirmação da identidade feminina. *“O véu, em muitos casos, diz respeito ao que essa mulher preza e à educação que recebeu. Se ela foi criada naquele ambiente em que as pessoas utilizam o véu e têm respeito por isso, muito mais que pela religião, ela usará o véu em respeito ao costume social e como afirmação de sua identidade muçulmana”*.

Sobre os casos em que as mulheres são obrigadas a usar a *burca* (vestimenta que cobre todo o corpo), ou o *nikab* (véu que cobre todo o rosto, deixando apenas os olhos à mostra), é importante ressaltar que essas práticas não dizem respeito à religião muçulmana e não são obrigatórias.

*“Não há lei muçulmana que obrigue as mulheres a usar estas vestimentas, apenas o uso do véu”*. São usos e costumes locais. Por exemplo: a *burca* é usada por tribos no Afeganistão, o qual não é um país árabe; o *nikab* é usado em países como Arábia Saudita e Jordânia.

Além disso, o costume de cobrir os cabelos não é exclusivamente muçulmano. No sul da Itália, senhoras mais velhas utilizam lenços. Em diversas congregações católicas, as freiras cobrem os cabelos, e as judias e ortodoxas usam peruca.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EVALDO VICENTE**  
Cadeira n° 23– Patrono: Leo Vaz

### **Pelo sonho de João Chiarini**

Ao requerer informações sobre o Centro de Folclore de Piracicaba, através de documento aprovado na reunião de segunda-feira, 27, o vereador Bruno Prata (PSDB) dá um salto ao passado, com olhos no futuro. E esse salto para o passado é um fio histórico que nos une à figura idealista do professor e folclorista João Chiarini, fundador em 1972 da Academia Piracicabana de Letras (APL), presidida pela poetisa Maria Helena de Aguiar Corazza. Ele é o patrono da cadeira número um, ocupada pelo Monsenhor Jamil Nassif Abib, pároco da Catedral de Santo Antônio e vigário-geral da Diocese de Piracicaba, tendo sido primeiro ocupante o Rev. Erasmo Prestes de Souza, pastor presbiteriano.

Os olhos para o futuro simbolizam a ação que Piracicaba precisa desenvolver para que não se perca esse fio histórico, não tão fácil, e melhor tarde do que nunca. Chiarini foi professor primário, advogado, conferencista, escritor – seu livro *Cururu* é obra prima – e poeta – sua coletânea *Argamassa* está entre as mais belas poesias sociais que li e reli. Intimamente ligado ao Partido Comunista, o “partidão”, Chiarini nasceu, viveu e morreu em Piracicaba, incompreendido na maioria das vezes.

Mas foi bom, bondoso na essência. Sua bondade, muitas vezes, ultrapassava as razões e ele oferecia, por exemplo, condições a um jovem ou uma jovem para que estudasse e se dedicasse à cultura, ao ensino, ao jornalismo, à poesia, à arte e – por que não? – ao folclore. Testemunhos não faltam.

O Centro de Folclore de Piracicaba, fundado em 1949, foi sonho de João Chiarini, demorado sonho que o manteve em ligações estreitas com Luís da Câmara Cascudo, o mestre do Folclore Brasileiro, e Alceu Maynard de Araújo, o mestre do Folclore Paulista, autores de enciclopédias incomparáveis. Mais ainda estreitos eram seus contatos com Cornélio Pires, o eterno folclorista da cidade de Tietê, além de formar discípulos. De Piracicaba, orgulhava-se, Chiarini tinha o brilho da representação.

Agora, 70 anos depois, o Centro de Folclore de Piracicaba encontra esse apoio na Câmara dos Vereadores, conforme Requerimento 392/2012, que começa pelos cadastros junto à Prefeitura Municipal e sua atual situação jurídica. Lembro-me, pelos contatos com Chiarini, terem sido difíceis esses tempos para que a entidade mantivesse documentação em ordem. O «Centro» era, por assim dizer, na sua própria casa, alugada, na rua Santo Antônio, entre as ruas Regente Feijó e Voluntários de Piracicaba. Ali, ficavam seus livros, material de folclore, restos de «pipas», «papagaios» ou «pandoras» que ele levava para salas de aulas e explicava, às crianças, o significado em cada região do Brasil. Coisas do povo, ciência do povo.

Com sua biblioteca «vendida» à Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba), maneira mais fácil que os amigos encontraram para comprar uma casa à viúva Dona Iraídes Chiarini, a Tita – que viveu com a filha Joira seus últimos dias na rua São João – para lá, com certeza, também foram todas informações do folclore piracicabano que Chiarini possuía, além de tantos livros, originais de autores da região, como os de Gustavo Teixeira, e milhares de cartas que gente famosa – como Jorge Amado e Câmara Cascudo – lhe enviava e ele respondia em cartas e envelopes endereçados em várias cores, sua forma folclórica de se comunicar. Tudo ficou no «Centro», sonho de João Chiarini, que tem sinal de concreto, em boa hora, na iniciativa do vereador Bruno Prata e unanimidade da Câmara Municipal, como um fio de esperança.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FELISBINO DE ALMEIDA LEME**  
Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto

### **Tributo**

Descendo caixão ,  
Um corpo santo.  
Voz da multidão,  
Entoa em pranto.  
Descanse em paz,

Cordeiro do amor.  
Ausência nos faz,  
Sentir tanta dor.  
Dom Eduardo, adeus,

Até um dia , amém.  
Interceda a Deus ,  
Ore por nós também.

### **Pai Saudade**

Pai saudade,  
Minha gratidão.  
Tanta bondade,  
Enorme coração.  
Músico famoso,  
Soletrava melodia.  
Homem carinhoso,  
No saxofone comovia.  
Prece de louvor,  
Ao pai vivo ou falecido.  
Orando com amor ,  
Pelo PAI serei atendido.

## **No sereno da madrugada**

No sereno da madrugada,  
A brisa cai sobre mim.  
No beijo da mulher amada,  
O afeto que não tem fim.

Na carícia do amanhecer,  
No abraço apertado.  
O dia começa aparecer,  
No encanto ensolarado.

No sereno da madrugada,  
Embalei-me na inspiração.  
Fiz a noite encantada,  
No vai e vem da emoção.

## **Nas mãos de Deus**

Raio de luz,  
Brilha paciente.  
Ressuscita Jesus,  
Para nossa gente.

Páscoa bendita,  
Na fé e no amor.  
Busca infinita,  
Em Deus Salvador.

Fé na ressurreição,  
Sonhos que são meus.  
Feliz páscoa irmão,  
Nas mãos de Deus .

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ  
DE MELLO**

Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

### **Velhos desconhecidos**

Vi o tempo correr como um gato bravio  
E a saudade bater... Eu vim te ver, meu Rio  
Temos muito a falar.

Recordas-te de mim? Uns trinta anos atrás,  
Talvez um pouco mais.

Como estás diferente! E eu sou outro também.  
Os meninos cresceram, te magoaram tanto!  
E tu me olhas assim, com esse olhar de espanto!

Não me conheces mais,  
Nem te conheço mais.

### **Às margens do rio Piracicaba**

Hoje o Rio é franzino,  
Mas, quando eu era menino  
Rolava fulgente  
Como um corcel inglês, audaz, valente.

De um lado o bosque, a mata secular  
– Ninho augusto das aves a cantar.  
Do outro lado o engenho, qual dragão,  
A triturar a cana da região  
E a agasalhar, nos seus serviços vários,  
A multidão alegre de operários.

Tu descias, meu Rio, formidável!  
Como eras feliz! Como era agradável  
Estar contigo  
Meu amigo.

Cismar ao som das tuas cataratas  
À sombra generosa de tuas matas.

Hoje estás poluído, o bosque derrubado  
Pela força cruel do trator, do machado.  
Os teus peixes de outrora, onde foram parar?  
Tuas aves canoras não sabem mais cantar?

---

## COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GERALDO VICTORINO DE FRANÇA

Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior

### Conhecendo a lenda de Aquiles

Aquiles é um personagem da mitologia grega, filho de Peleu e de Tétis, ninfa marinha (não confundir com Tétis, a deusa do oceano). Relata a lenda que Zeus ambicionava Tétis, mas ao saber que a nereida daria à luz um filho superior ao pai, cedeu-a ao mortal Aquiles. Como as Parcas prognosticassem que o filho morreria cedo, Tétis mergulhou-o nas águas do rio Estige para torná-lo invulnerável. Realmente, todo o corpo de Aquiles tornou-se invulnerável, exceto o calcanhar, por onde ela o segurou.

Aquiles tornou-se um jovem belo e forte, o mais veloz nas corridas. Participou da Guerra de Troia, lutando ao lado dos gregos. O cerco a Troia durou mais de nove anos e, nesse período, Aquiles viveu muitas aventuras, a maioria relacionada a combates e saques a outras cidades próximas de Troia. Tornou-se o mais famoso dos guerreiros.

No décimo ano de luta, capturou a jovem Briseida, que lhe foi arrebatada por Agamenon. Agastado com essa afronta, retirou-se da guerra. Sentindo a falta de seu valioso auxílio, os gregos pediram-lhe que cedesse os seus guerreiros e a sua armadura, ao seu amigo Pátroclo. Este, porém, foi morto por Heitor, que se apoderou de sua armadura.

Sedento de vingança, Aquiles reconciliou-se com Agamenon. De armadura e escudo novos, forjados por Vulcano, retornou à luta, matou Heitor e arrastou o seu cadáver em torno da sepultura do seu amigo Pátroclo. Quando o velho rei Príamo lhe veio pedir o corpo do filho Heitor, Aquiles, compadecido, atendeu ao seu pedido.

Pouco depois Páris, irmão de Heitor, lançou uma flecha envenenada contra Aquiles, a qual, guiada por Apolo, atingiu o seu calcanhar, única parte vulnerável do seu corpo. Cumpriu-se, assim, o prognóstico das Parcas.

## **Conhecendo a lenda de Midas**

Midas é um personagem da mitologia grega. Era o rei da Frígia e, certa vez, recepcionou Dionísio (ou Baco), deus do vinho, e este lhe disse que, em agradecimento, concederia a Midas um desejo. O rei pediu o dom de transformar em ouro tudo o que tocasse.

Atendido o seu pedido, Midas logo se arrependeu, pois até sua comida e bebida também se transformavam em ouro. Então, voltou a Dionísio e lhe suplicou que retirasse o dom concedido. Dionísio mandou que Midas se lavasse nas águas do rio Pactolo, e então perdeu aquele dom.

Midas é também personagem de outra lenda, segundo a qual atuou como juiz num torneio musical entre Apolo e Pã. Por ter dado a vitória a Pã, Apolo se irritou e transformou suas orelhas em orelhas de burro.

Esta história teve várias versões, espalhadas pelo mundo. Atribui-se a Midas a propagação do culto a Dionísio na Ásia Menor, de onde passou para a Grécia antiga.

A respeito da morte de Midas, corre a versão de que ele se suicidou bebendo sangue de touro.

A figura de Midas ficou, na literatura, como o símbolo do ambicioso de riqueza e poder econômico.

## **Conhecendo a lenda do nó górdio**

O nó górdio é um objeto da mitologia grega. Conta a lenda que foi feito pelo rei Górdio, da Frígia, pai de Midas, que o sucedeu no trono.

O nó era difícil de desatar, e um oráculo previra que quem o desatasse se tornaria senhor da Ásia.

A façanha foi realizada por Alexandre, o Grande, rei da Macedônia. Foi no templo de Zeus que Alexandre, com sua espada, desembaraçou o nó górdio. E realmente, Alexandre tornou-se o mais

famoso general da Antiguidade, comandando as forças gregas na conquista do Império Persa.

Alexandre reunificou a Grécia e estendeu o seu império conquistando várias regiões da Ásia e o Egito, onde fundou a cidade de Alexandria. Assim, cumpriu-se a predição do oráculo.

Na literatura, a expressão “nó górdio” é usada para indicar uma dificuldade inarredável.

## **Conhecendo a lenda de Rômulo e Remo**

Rômulo e Remo são personagens da mitologia romana. Eram irmãos gêmeos e a sua história constitui um dos mais antigos mitos latinos. Rômulo e Remo, segundo a tradição, foram os fundadores de Roma.

A tradição conta que o usurpador Amulius, após derrubar seu irmão Numítor do trono de Alba Longa, obrigou Reia Sílvia, filha de Numítor, a se converter em virgem vestal para que não gerasse descendentes do antigo rei. A jovem, no entanto, concebeu os gêmeos Rômulo e Remo de sua união com o deus Marte.

Amulius, então, ordenou que os meninos fossem colocados num berço e lançados nas águas do rio Tibre; porém, o berço encalhou junto a uma figueira sagrada do Monte Palatino. Os gêmeos foram adotados por uma loba, que os amamentou.

O pastor Fáustolo encontrou os meninos e, com sua esposa Aca Laurentim, os criou e educou. Anos depois, quando se tornaram jovens fortes e corajosos, os irmãos mataram Amulius e restituíram o trono ao avô Numítor. Decidiram, então, erigir uma cidade (Roma) no local onde haviam sido salvos, esperando que os presságios lhes indicassem quem seria o rei. Rômulo foi o eleito e quando Remo, despeitado, tentou pisar no local sagrado delimitado pelo irmão, o que era considerado um sacrilégio, Rômulo matou Remo com uma lança.

Assim, Rômulo foi o fundador e o primeiro rei de Roma. Foi um chefe belicoso e autoritário, detestado pela aristocracia. Conta-se que desapareceu no meio de uma tempestade, quando passava em revista a sua tropa.

## **Conhecendo a lenda de Vênus**

Vênus é uma divindade da mitologia romana, correspondente à Afrodite da mitologia grega. Era a deusa do amor e da beleza.

Entre os romanos, Vênus era primitivamente ligada à vegetação e às colheitas. Mais tarde, foi identificada com a deusa grega Afrodite, deusa do amor.

Entre os gregos, Afrodite representa não o amor puro, mas o seu aspecto culposo. Sua beleza contrastava com a feiúra de seu marido Hefesto (ou Vulcano), o ferreiro coxo. Afrodite traiu seu marido com Ares, de cuja união nasceu Eros (ou Cupido). Depois, teve outros casos, com Hermes, Poseidon, Dionísio etc.

A rigor, as lendas de Vênus e Afrodite não são idênticas, mas apenas semelhantes.

Ésquilo considerou Vênus como a representação do amor entre o Céu e a Terra, o poder universal da procriação. Vênus inspirou pintores e escultores, que fizeram dela o ideal feminino da beleza; entre outras obras, cabe destacar a “Vênus de Cnide”, atribuída a Praxíteles, e sobretudo a famosa “Vênus de Milo”.

---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM  
Cadeira nº 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

### As irmãs Schalch

Eram três irmãs solteiras. Lembro-me delas: Sophia, Helena e Ida Schalch. Conheci essas queridas professoras em 1948, quando me mudei para Piracicaba, com o intento de fazer o curso ginásial, morando no Internato Masculino do Colégio Piracicabano, localizado em extensa área, onde é hoje o Bairro Bela Vista, e cuja entrada se dava pela Rua do Rosário exatamente no seu encontro com a Rua D. Pedro II. Nessa mesma rua, num ponto pouco mais abaixo, na direção da Rua Rangel Pestana, viviam as três numa casa, onde hoje funciona a Clínica de Fisioterapia da Unimep, imóvel este que, por elas, foi doado ao Colégio Piracicabano, para ser usado em finalidades dessa instituição.

Quando as conheci, Sophia, nascida em 1878, tinha 70 anos; Helena, nascida em 1880, tinha 68 anos e Ida, nascida em 1881 (oito dias depois da fundação do Colégio Piracicabano), tinha 67 anos. Todas as três trabalharam somente em escolas metodistas.

Seu pai, Johannes Schalch (suíço, engenheiro) e Henriette Buch Schalch (alemã, faleceu de febre amarela) imigraram para o Brasil, vindo a se estabelecer em Piracicaba, onde se tornaram proprietários do Hotel Europa, localizado na Rua do Comércio, hoje Rua Governador Pedro de Toledo. Moraram, durante um período, em Ribeirão Preto e São Simão, porém voltaram a Piracicaba, para ficarem definitivamente. As três filhas estudaram e se formaram no Colégio Piracicabano, onde tiveram o privilégio de conviver, como estudantes, com Martha Watts — fundadora dessa escola — e, como professoras, foram contemporâneas de Lilly Stradley, extraordinária mestra e missionária, que foi diretora dessa Instituição por muitos anos.

Com o apoio da Sociedade Missionária de Mulheres dos Estados Unidos da América, as três jovens tiveram oportunidade de viajar a esse país, para se especializarem e se tornarem missionárias e dirigentes de instituições educacionais da Igreja Metodista no Brasil.

Sophia, a mais velha, foi a que viveu menos tempo; faleceu com

71 anos, em 1949. Depois de formada, a partir de 1905, foi diretora e professora do Jardim da Infância do próprio Colégio Piracicabano, no qual permaneceu durante 15 anos. Trabalhava nessa área, na parte da tarde, e lecionava psicologia e pedagogia pela manhã. Esteve, em 1908, nos Estados Unidos, para fazer pós-graduação nas disciplinas da sua especialidade. Dirigiu, também, o Colégio Noroeste em Birigui (SP), por dois anos, e o curso primário do Colégio Izabela Hendrix em Belo Horizonte (MG). Esteve fora de Piracicaba durante muitos anos, para onde voltou aposentada.

Ida, a mais nova, dedicou-se ao magistério como professora de artes, especialmente pintura. Formada em 1911, no Colégio Piracicabano, nele trabalhou até 1961, quando se aposentou aos 80 anos. Ela teve o privilégio de ser aluna de renomados mestres do pincel, inicialmente Joaquim de Mattos (meu tio-avô), depois Almeida Júnior e Alípio Dutra. Foi premiada várias vezes por suas obras notáveis, algumas das quais estão no Centro Cultural Martha Watts, ao lado de muitas fotos, móveis, utensílios, material escolar etc., coisas que lembram o Colégio do tempo de Ida e suas irmãs.

Minha proximidade maior foi com a Helena, que lecionava matemática no curso ginásial do Colégio Piracicabano. Fui aluno dela na 1ª série, em 1948. Queria que seus alunos aprendessem a raciocinar e não apenas decorar fórmulas matemáticas. Lecionou até o ano de 1950, portanto, tive aulas com ela quando já estava para se aposentar. Tal como as outras duas irmãs, também foi aos Estados Unidos para fazer pós-graduação em matemática, química e física. A minha relação com ela estreitou-se porque eu, com 11 para 12 anos de idade, estava também matriculado na classe “Cordeirinhos de Jesus”, da Escola Dominical na Igreja Metodista. Exigente, rigorosa, competente, excelente mestra, dava aulas fazendo um movimento que gravei. Ela punha um lápis entre as palmas das mãos e passava o tempo todo rolando esse objeto, como se estivesse querendo torná-lo mais roliço.

Termino relatando um fato pitoresco. As irmãs Schalch chegavam com antecedência para culto da noite e se assentavam sempre no segundo banco da fileira central. Os adolescentes (entre os quais eu estava) também gostavam de sentar na frente, na terceira fileira, logo atrás delas. Dá para imaginar as conversas e os burburinhos que deveriam incomodá-las, até porque certamente já não ouviam muito bem. Pois bem, não custou muito, depois de olhares de desaprovação e pedidos de silêncio, que não foram atendidos, deram uma grande

---

reprimenda na meninada, que não gostou, mas, naquele tempo criança tinha de ouvir e obedecer. Mas, caladamente, o troco veio de outra maneira: no domingo seguinte, a turma chegou antes das saudosas professoras para sentar no lugar que elas costumavam ocupar. Não é preciso dizer que elas, furiosas e sem poderem reclamar, pois os lugares eram de quem chegava primeiro, não esconderam que não haviam gostado do revide.

Hoje reverencio a memória de cada uma, publicando estas informações como homenagem a essas extraordinárias mulheres que consumiram suas vidas, propagando o evangelho de Cristo, repartindo o conhecimento e usando seus dons artísticos para espargir a arte.



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO HOMERO ANEFALOS**  
Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Anefalos

## **Quando os delitos são simulados ou dissimulados**

É verdade que este assunto, aliás de grande interesse e importância, já tem sido tratado, embora sem se estabelecer com exatidão as suas diferenças e as várias interpretações. Simulação e dissimulação são semelhantes, porque se referem à prática de delitos. São, porém, diferentes quanto às produções dos mesmos.

### **Simulação**

A simulação consiste em fazer passar como real um fato delituoso que não existiu. Em geral, salvo raras exceções, o interesse pessoal está em jogo.

### **Exemplos de simulação**

Inúmeros são os exemplos a respeito. O objetivo precípua é enganar e lesar o patrimônio alheio, fazendo com que as pessoas que tenham conhecimento do caso, inclusive as autoridades constituídas, incorram em erro, quando da apreciação do fato. As simulações podem ser executadas em todos os campos da criminalidade, pois a imaginação humana é fértil, ressaltando-se as efetuadas contra o patrimônio, em que aparecem os indivíduos que se dizem vítimas de roubos ou assaltos (Art. 157 do atual Código Penal e Art. 168 do Código Penal previsto para vigorar futuramente), de estelionato, inclusive por ter caído no conto do vigário (Art. 171 do atual Código Penal e Art. 184 do futuro Código Penal) e em outros delitos mais.

Estas pseudovítimas praticam toda sorte de atos danosos, em prejuízo alheio. Para dar realce ao fato apresentado como delituoso, muitas delas chegam a produzir diferentes tipos de vestígios nos locais questionados, variando de acordo com os graus de cultura e inteligência de cada falsa vítima.

Em face disso, surgem aquelas simulações de furtos de valores existentes em cofres de aço, em gavetas de móveis de casas comerciais ou residenciais, no interior de veículos, cujos autores procuram dar publicidade aos casos criados, provocando a movimentação de todo o organismo policial, a fim de serem resolvidas as denúncias de furtos inexistentes. É evidente que não haverá interesse algum, por parte dos queixosos, para que sejam encontrados os autores desses “furtos”, pois que assim poderão reivindicar seguros, abatimentos nos pagamentos do imposto de renda, dilatação no prazo para pagamento de dívida certa ou, ainda, apropriar-se de importância que tinha sob sua guarda ou responsabilidade etc.

### “Visum et repertum”

É através da devida verificação do caso apresentado, com todos os vestígios porventura existentes, que se chega a uma conclusão exata sobre o fato. Compete, portanto, ao Perito Criminal, pericialmente falando, verificar *in loco* todas as circunstâncias em que se deu o evento criminoso. Por conseguinte, em caso de alegação de assalto, por exemplo, poderá o técnico apreciar a natureza dos vestígios existentes, ou melhor, esclarecendo se as soluções de continuidade ou falta de botões resultaram de tração ou corte; se, em caso de terem sido cortados, os tecidos se achavam em perfeita correspondência em relação à sede e às dimensões. No caso de a vítima apresentar-se ferida, pode-se observar se os ferimentos estão em correspondência com os vestígios existentes nas vestes, oferecendo aspectos de solução de continuidade.

Por outro lado, em caso de alegação de punção, ou seja, quando a vítima simula ter sua carteira (porta-notas) furtada de um dos bolsos de seu indumento, o Perito Criminal poderá opinar, com base no exame das soluções de continuidade produzidas na roupa, nos diversos tecidos que se sobrepõem, se o furto poderia ter ocorrido nas condições aventadas pelo queixoso.

Ressalte-se ainda a possibilidade de a pseudovítima alegar furto em gaveta de móvel, seja ela escrivaninha, guarda-roupa ou outro móvel, sendo tal gaveta dotada de sistema de segurança (fechadura), ocasião em que caberá ao Perito, feita a constatação do local, examinar os seguintes elementos: meios de acesso ao interior do prédio; emprego eficaz ou não de instrumento; vestígios deixados no móvel por esse instrumento; possibilidade ou não de produzir ele a abertura da gaveta apontada etc. Essas são algumas das observações que poderão levar ao esclarecimento da verdade.

## Consequências

Convém esclarecer, no entanto, que a prática de simulação de delito é totalmente desaconselhável, sob todos os aspectos. Citemos, por exemplo, no caso de furto alegado, se for provado que houve simulação, isto logo após a comunicação oficial e antes de o interessado ter tido proveito próprio ou não, resultante dessa ilicitude, o responsável por tal falso alarme de furto poderá ser processado, s.m.j., como incurso no Art. 340 do atual Código Penal e no Art. 381 do futuro Código Penal. Tal artigo refere-se à comunicação falsa de crime ou de contravenção e tem a redação seguinte: “*Provocar a ação da autoridade, comunicando-lhe a ocorrência de crime ou de contravenção que sabe não se ter verificado. Pena – detenção de 1 a 6 meses, ou então multa...*”

Por outro lado, em face da presente questão, caso se positive a vantagem ilícita, em prejuízo alheio mediante fraude, ou seja, através de artifício, ardil, erro, ou qualquer outro meio fraudulento, acreditamos, s.m.j., que a falsa vítima poderá ser processada por estelionato, que prevê a pena de reclusão de 1 a 5 anos, além de multa, e isto pelo atual Código Penal, e de 2 a 7 anos de reclusão, além de multa, pelo Código Penal previsto para vigorar futuramente.

## Dissimulação de delito

Em se tratando de dissimulação, cujo termo indica “tornar menos aparente o modo de como se dera um delito”, pode-se dizer que dissimular é “modificar as características daquele ato delituoso, oferecendo outras diferentes”.

### Exemplos de casos de dissimulação

Para compreensão de um assunto, nada melhor que exemplos. Um deles pode ser o da pessoa que, tendo em mãos, em confiança, as chaves de um prédio, serve-se delas para furtar joias e dinheiro e depois procura deixar nas portas vestígios que façam crer em arrombamento (e não através do emprego de chave falsa).

O objetivo do meliante é ser excluído do rol de suspeitos, por meio de dissimulação do ato delituoso praticado.

Outro exemplo interessante é o do homem que elimina a sua companheira a tiros de pistola que se achava despida e procura vestir

adequadamente o cadáver, lançando-o a um rio para parecer afogamento por acidente, suicídio ou mal súbito.

Mais, outro exemplo é o do indivíduo que, após matar sua esposa à traição, por estrangulamento no interior da casa onde residiam, transporta-a para lugar distante e ermo, desferindo-lhe, já nesse local, vários disparos com revólver com o intuito de dar outro aspecto ao delito, ao mesmo tempo em que pretende ser excluído da lista de suspeitos.

### Consequências

Dos exemplos acima expostos torna-se evidente que existem elementos materiais adequados de que a Polícia lança mão para conseguir elucidar como os delitos foram praticados. Quanto ao primeiro exemplo, o seu autor poderá ser processado por furto qualificado, de conformidade com o Art. 155, § 4º do atual Código Penal (reclusão de 2 a 8 anos e multa) e Art. 165, § 5º do futuro Código Penal (reclusão de 3 a 10 anos, além de multa) e nos demais exemplos, por homicídio qualificado, devidamente previsto no Art. 121, § 2º, inciso IV do atual Código Penal e do futuro Código Penal, com pena de reclusão de 12 a 30 anos.

Encarando-se a dissimulação sob outro prisma, cumpre lembrar que “Maquiavel fez da dissimulação uma das qualidades do Príncipe”.

### Opinião proposta

A possibilidade de simulação ou dissimulação em qualquer delito é fator que deve ser levado sempre em consideração, na análise de todo fato delituoso.

Lembramos também que a existência de crime ou contravenção penal com simulação ou dissimulação revela, em certos aspectos, a periculosidade do agente.

Por outro lado, é importante frisar que todo delito deve ser verificado de imediato e cuidadosamente, a fim de que não se altere o estado das coisas, pois é sabido que “o tempo que passa é a verdade que foge”. Já no local se devem excluir as circunstâncias de simulação e dissimulação no caso concreto. Local de crime verificado às pressas sujeita o Perito a problemas negativos futuros, com reflexos nos aspectos técnicos e jurídicos.

Cumpre esclarecer, por conseguinte, que não existe crime perfeito, o que pode ocorrer são falhas na interpretação das provas colhidas, ou falta de meios para exata interpretação dessas provas, ou

---

ainda de elementos, em virtude de o local apresentar-se prejudicado.

Finalmente, é conveniente evidenciar que a prática de simulação ou dissimulação, por si só, traz consequências maléficas aos seus autores. Em última análise, os procedimentos ilícitos e seus problemas servem de alerta às pessoas inclinadas para esse campo, a fim de que meditem sobre o assunto.



---

## COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE NEGRI

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

### Índia, encantos e desencantos - I

Viajar é sempre bom e enriquecedor. Alarga horizontes, traz conhecimento, cultura, e é um lazer muito especial, pois só conhecemos realmente o povo, a cultura, os costumes e a culinária de um país, estando nele.

Por mais que você ouça relatos de quem já esteve no local, que assista documentários, filmes, novelas, leia livros, veja fotos, nada se compara à aventura de estar lá, pisar seu solo, sentir a essência do país através dos seus próprios sentidos e vivenciar as emoções. Você tem que visualizar, ao vivo, o colorido, respirar a poeira, ver os ocasos e luares e degustar os diversos sabores da comida. Na Índia, o delicioso perfume dos incensos se mescla ao odor do estrume das vacas sagradas que transitam em qualquer local sem serem molestadas.

Ficamos fascinados com o brilho dos brocados nas lojas e com as estampas florais e de arabescos nas sedas finíssimas, e os metros e metros de tecido para enrolar no corpo e compor o traje tradicional. Mesmo que não use nunca, que fique sempre dobrado no guarda-roupa esperando uma ocasião especial que pode nunca acontecer, ninguém sai da Índia sem trazer ao menos um sári.

Um fotógrafo profissional com uma boa máquina, faria, com certeza, as melhores fotos de sua vida. O contraste do belo com o tosco daria fotos dignas de prêmios. Pena que não sou boa fotógrafa e perdi muitas boas oportunidades, mas minhas retinas guardarão para sempre cenas únicas que me marcaram.

A Índia é um país encantador, mas cheio de contrastes. Pobreza extrema e monumentos suntuosos, como o Taj Mahal, todo em mármore branco, com pedras semipreciosas incrustadas e a cúpula costurada com fios de ouro. A todo instante vemos esses contrastes como não se vê em nenhum outro lugar.

Uma amiga, que já foi lá várias vezes, me deu um conselho que guardei como um mantra: “veja tudo com olhos de amor”. E foi o que eu fiz. Coloquei minhas lentes amorosas para filtrar o que via.

Por várias vezes meus olhos se encheram de lágrimas. Um rapaz se arrastava numa estrada, entre os carros, pedindo ajuda. Lá, a poliomielite não está erradicada e muitas crianças e jovens são portadores do vírus que causa a paralisia infantil. O guia alertou para não dar esmolas. Não me contive e joguei dez rupias pela janelinha. O garoto me devolveu um sorriso encantador, e pude ver seus dentes muito alvos e um olhar tão puro, sincero e amoroso que jamais esquecerei.

Eu penso que não aconselham a dar esmolas porque quando você faz isso, acontece o milagre da multiplicação, como naquela música do Roberto Carlos – Guerra dos Meninos – quando surgem centenas de meninos de todos os lados.

Outra cena que me emocionou, foi a de uma menina de seus 4 anos, dançando e fazendo contorcionismo entre os carros. Estava frio, e ela com uma roupa leve, dançava, remexia os bracinhos magros e cheio de pulseirinhas, deitava naquele chão imundo, correndo risco de ser atropelada enquanto o irmão mais velho ruflava um tamborzinho feito por ele mesmo. Pouca gente dava moedas... Morri de pena. Ela e o irmão deveriam estar numa escola e não ali.

Na Índia dificilmente você será assaltado. Mas todos sempre acham um jeitinho de angariar algumas moedas para poderem comer, já que muita gente passa fome. Dançam, cantam, tocam instrumentos feitos por eles mesmos, dão toalhinhas de papel para enxugar as mãos ou vendem bijuterias lindas a preço de banana.

Há muita coisa interessante para contar, mas deixarei para uma próxima crônica.

## **Índia, encantos e desencantos - II**

Na Índia, toda vida é sagrada. Animais e humanos disputam comida e água num cenário árido e pedregoso. Pelo menos nos lados do Rajastão, norte da Índia, o verde é escasso e o solo, uma espécie de

areia fina, que o vento espalha deixando tudo empoeirado, as casas, as ruas e os carros. A impressão que temos, à primeira vista, é que tudo é encardido e há pedras, entulho e detritos que parecem nunca ser recolhidos.

Se você está visitando um templo, de repente pode ser interceptado por um bando de macacos famintos pedindo guloseimas. Os guias advertem para não alimentar os bichos, mas quem resiste a uma mãezinha agarrada ao seu filhote, implorando, puxando sua bolsa com as mãozinhas?

Os carros que levam as noivas para o casamento são decorados com rosas coloridas. E a cor do vestido delas é vermelho. A cor branca, para eles, representa luto.

Tudo lá é barato demais. Não gostei de ver turistas ricos pechinchando, mesmo vendo a miséria daquelas pessoas. A rupia indiana vale muito pouco, mas o artesanato é maravilhoso. Não vi nada "Made in China". Um real vale cerca de 25 rupias. Mil rupias equivalem a 40 reais. Você troca cem dólares por um maço imenso de rupias e dá para comprar muita coisa!

Mulheres trabalham pesado em obras, carregam pedras nos ombros e bacias na cabeça com estrume de vacas (é utilizado como combustível para aquecer as casas no frio, entre outros usos). Mesmo não compreendendo sua língua, elas sempre abrirão seu melhor e tímido sorriso. São todas muito recatadas, mas muito bonitas em seus sáris coloridos, e suas muitas pulseiras e adereços.

Os homens e crianças são todos magrinhos, mas as mulheres, depois dos trinta são quase todas cheinhas. Têm pele escura e aveludada, e cabelos bem lisos, pretos e brilhantes. Sorrisos lindos e dentes alvos apesar do uso abusivo de curry como tempero.

Para se ter uma ideia, a Índia é bem menor que o Brasil em extensão, mas tem 1 bilhão de pessoas a mais. Se aqui estamos perto dos 200 milhões de habitantes, lá são 1 bilhão e duzentos milhões. É muita gente!

O trânsito mereceria um capítulo a parte. Um caos ensurdecedor. Quase não existem sinais e nem placas, tudo é controlado pelas buzinas. Buzina-se para tudo, para ultrapassagens, para animais, para pessoas, motos e bicicletas. E por incrível que pareça, o índice de acidentes é pequeno, apesar de animais cruzarem a pista o tempo todo.

Ir de Delhi até Agra foi uma grande aventura! Devido ao trânsito caótico, um trajeto que seria feito em menos de 2 horas numa estrada

normal, foi feito em 5 horas e meia. Para alegria dos turistas, há camelos, cães, bois, porcos, aves, macacos, cabritos, todos convivendo em harmonia. Até elefantes circulam pelas ruas, entre os carros.

O Tuk-tuk, triciclo popular que infesta as ruas das cidades indianas, deve ter esse nome devido ao som que produz: *tuc-tuc-tuc*. E também há o riquixá, transporte de tração humana. Não dá para ir à Índia e não andar neles. São maneiras baratas e divertidas de se locomover até os pontos turísticos.

A comida também mereceria um capítulo inteiro. A maioria dos pratos é vegetariano, mas os temperos são muito fortes pelos condimentos que usam, como ervas, especiarias, picles, gengibre, masala, misturas agridoces, e a pimenta é usada sem moderação. Não sei se é por causa desses ingredientes, da água, ou do costume de servir alimentos usando as mãos, ou tudo junto, que quem vai à Índia passa pelo chamado “batismo de fogo” – certamente, em algum momento da viagem, terá um desarranjo intestinal ou passará por problemas estomacais.

Apesar do choque cultural, da longa distância e do clima seco que nos obriga a pingar colírio nos olhos e a passar creme hidratante na pele que fica ressequida, vale a pena conhecer esse país exótico e encantador e empreender essa fascinante viagem.

## Títulos

Não quero ser nome de rua  
Avenida ou escola  
Nem ser patrono de nada  
O título que mais me honra  
Tem uma sílaba só  
E soa tão bem aos ouvidos  
Ser chamada de “vó!”

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO BAPTISTA DE SOUZA  
NEGREIROS ATHAYDE**

Cadeira nº 34 – Patrono: Adriano Nogueira

**Estrofes a Castro Alves**

(Por ocasião do centenário de morte de Antônio de Castro Alves - 1971)

I

Musa, vem dar-me o estro suave e grandioso  
P'rá eu cantar solene a glória destas plagas  
P'rá eu poder colher, no fundo do oceano  
A gema sem igual, que dança ao tom das vagas

Eu quero as asas longas p'rá chegar ao Olimpo  
Eu quero ser o condor, p'rá pousar nos Andes  
Vem dar-me ao verso pobre a majestade e o brilho  
De quem se alteia enorme p'rá cantar os grandes

II

Era no seis de julho. De lá da Grécia antiga  
Donde se erguera a voz dos místicos aedos  
De lá da plaga etérea, onde dançavam musas  
Contando-se, entre si, amores e segredos

Da Europa sempiterna que criava os gênios  
E d'Ásia embriagada em seus mistérios grandes  
E d'África esquecida em seus talentos nobres  
Rolou sombrio pranto, que molhou os Andes

Era no seis de julho! De todos os quadrantes  
A alma do Universo naufragou no abismo.  
Choravam as nações, as musas e os escravos  
Pasmos, aturdidos, no horror do cataclismo

## III

Um dia a poesia não foi langor somente.  
Foi hino de batalha, intemorato e nobre  
Foi lágrima infantil, chorada em sepultura  
Foi púrpura real, vestindo o velho pobre

Um dia, ela andou pelo deserto ardente  
Sentindo a mesma dor do escravo africano  
Um dia ela desceu aos cárceres imundos  
Onde morria um povo aos olhos do oceano

Ela cantou, um dia, um noivado estranho  
Do escravo que encontrara sua ideal consorte  
E calmo e majestoso, transpirando amores  
Casou com a liberdade, no palor da morte

Descendo à senzala foi ouvir, suave,  
O canto da mãe negra embalando o filho  
E ouviu a desgraçada ensinando ao pobre  
Crenças, esperanças, da virtude o trilha

Ela chegou-se, um dia, ao tronco umedecido  
Onde arquejava o escravo, sob a dor atroz  
E viu por toda a terra sangrar a humanidade,  
Jazendo, há tantos séculos, na opressão feroz

## IV

E ela que descera do éter misterioso  
Talvez p'rá ouvir da América a grandiosa orquestra  
Talvez para dormir à sombra das palmeiras  
Ou p'rá ver da natureza a buliçosa festa

Ela desceu do espaço, veio falar de amores  
Veio espalhar o sonho, por sobre a terra inteira  
Veio trazer o riso, p'rá sorrir com o mundo  
... e viu medrar o crime, aos pés da Cordilheira

## V

Então o Universo estremeceu convulso  
Ao som do seu clarim, soberbo e arrogante  
E os povos acordaram do ignóbil sono  
... ergueu-se o mundo inteiro ao seu rugir possante

Além, vagando infrene pelos pampas vastos  
Ou mesmo nos abismos, por entre a fenda escura  
Ela explodiu em chamas, esparzindo ideias  
As fronte fecundando à geração futura

Não teve a liberdade lira maior que esta  
Que a todos os cantões arremessava o grito;  
Que, às orlas do oceano, bradava: "Liberdade"  
E o eco respondia, das bordas do infinito

Jamais o verbo fora tão ardente e nobre  
Nem fora o ideal tão arrogante e puro!  
Nem fora a mocidade tanta luta e sonho  
Nem tanto se elevara a crença no futuro!

E o mesmo rei dos astros, que vira o cáos do mundo  
E que velara os séculos, no passar veloz  
Veio aquecer o Condor, nos Andes altanados  
E assombrou-se ouvindo a sua dura voz

Assim foi a poesia o arauto da verdade  
E verbo de justiça arremessado ao povo.  
Foi o signo da fé, foi uma crença nova,  
Foi o Sinai moderno de um Profeta novo.

## VI

Por isso, Musa, eu ousei pedir-te um dia  
A mesma lira que deste a Orfeu, outrora.  
Foi por querer cantar, com o esplendor dos deuses  
A glória de um povo, centenária agora.

E como estão exaustas estas asas longas,  
Com que vaguei no espaço, dos astros através!  
Com que tentei trazer os louros das idades,  
E a poeira de estrelas das imensidades,  
P'rá desse vate eterno vir rojar aos pés.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI  
Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco

### Caixa surpresa

O bisavô Nicolau, de bigode e cabelos grisalhos, não estava entendendo nada do diálogo dos bisnetos. Ouviu vagamente umas palavras estranhas: “deletar”, “clicar”, “arial”, “microsoft word” e outras palavras diferentes das que eram usadas diariamente por todos da família.

Não conseguia acompanhar a conversa dos guris. Achava-os um tanto distantes, não mais querendo ouvir as histórias do sítio do Pica-Pau Amarelo, nem mesmo se interessando tanto pelas pescarias aos domingos. Sentiu saudade do tempo em que os ajudava nas tarefas escolares. Gostava de ver seus cadernos, livros e, juntos, quebrarem a cabeça para resolver alguns problemas de Matemática. Sentia-se orgulhoso quando voltavam da escola e diziam:

– Bisavô, acertamos aquela tarefa em que o senhor nos orientou.

Estava aborrecido e se sentindo abandonado, pois eles não o procuravam mais e viviam falando por códigos; também em relação aos programas de lazer. Eles, que inauguraram a bandinha das crianças e adolescentes do bairro, se recusavam agora a tocar flauta e sininho. Quando interpelados a respeito, diziam:

– Isso já era, Bisavô Nicolau.

No lugar desses instrumentos preferiam os de percussão, com caixas de som potentes, provocando um barulho tão intenso que atrapalhava seu sono noturno. Isso acontecia porque os guris ensaiavam as músicas no velho porão da casa.

Um dia, eles lhe apresentaram aquela caixa tipo maleta de onde surgiram lindas paisagens, notícias atuais, mensagens tendo como fundo musical canções do passado e do presente. Era uma segunda televisão, e com mais possibilidades de escolhas de programas. Mas, o que mais o surpreendeu foi escrever usando um teclado bem mais leve do que o da sua velha máquina de datilografia

Vibrou quando os bisnetos lhe mostraram a velha Itália, focalizando aspectos culturais e até cidades próximas daquela onde nasceu.

Então ele matou a charada do motivo pelo qual andavam desinteressados por alguns assuntos e distrações, que os ocupavam anteriormente.

Quis também aprender a lidar com o que chamavam “note-book”. Começou a dispensar até a tevê colorida. Não demorou muito para também se tornar internauta. Orgulhava-se de, aos oitenta e oito anos de vida, aprender algo tão interessante, e tudo isso graças aos amados bisnetos! Aquela caixa, batizada, passou a ser para ele a maior invenção dos últimos tempos.

Hoje, o bisavô Nicolau, satisfeito da vida, diz aos poucos colegas de sua idade, quando estão matando o tempo no banco da praça:

– Preciso ir andando. Vocês não fazem idéia, como estou a viajar ultimamente!

E, despedindo-se deles, convida-os:

– Querem ir até a Itália? Eu vou navegar até lá, agora mesmo.

Os companheiros, ainda alheios às peraltices do velho Nicolau, nada entendem e observam após sua saída:

– O amigo Nicolau deve estar caduco, ou pior, pirou de vez.

## **Desrespeito à Flora e Fauna**

Em Gênesis (cap.I, versículos 11,25,27,31), vemos referências à criação do mundo. Primeiro, as plantas... “árvores que deem frutos sobre a terra, frutos que contenham semente, cada uma segundo sua espécie...” Após, alusão aos seres vivos, sobretudo os animais domésticos. Finalmente, Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança”... e conclui que tudo que foi criado “era muito bom”.

A natureza e tudo que nela foi criado é presente maravilhoso que recebemos gratuitamente das mãos divinas. Para nós, homens, foi dado o poder de por ela zelar, mantê-la em equilíbrio. O benefício dessa atenção, se demonstrada, só nos traria alegria e bem-estar. Digo traria, porque a nossa realidade é bem outra. Seja perto de nós, na própria cidade em que se reside, seja em outros pontos do país e até do universo, essa ordem divina não é obedecida. É só abrir as manchetes e constatamos o mal que é feito à flora e à fauna. Pessoas despedidas de sentimentos nobres estão exterminando nossas florestas,

permitindo que exploradores estrangeiros e até brasileiros se apessem delas. Os animais estão sendo banidos das matas e as espécies estão sendo exterminadas. Nas cidades e até no meio rural significativa parte dos moradores está abandonando seus animais domésticos em locais públicos, expondo-os aos mais sérios riscos, tornando-os candidatos a precoces e estúpidas mortes. Se não desejavam que seus animais procriassem, por que não tomaram as devidas providências? Gastam muitas vezes com o supérfluo e se esquecem (?) dos principais deveres de donos responsáveis: castrar, vacinar, alimentá-los e cuidar da saúde dos mesmos. Afinal, eles se alojam nas suas residências, daí serem chamados de domésticos, permanecendo a maior parte de seus dias nesses recintos, até mais que os proprietários. Muitos cães são os guardiões das famílias. E a fidelidade “canina”, o “chamego” de um gato amoroso não contam na convivência familiar? É tão gratificante sentir-se amado “de verdade” por animais tão especiais! Por que repudiá-los e permitir que se tornem animais abandonados? Quanta ingratidão para com esses seres que não têm voz para se defenderem! Deixo para reflexão uma mensagem de livro de minha autoria: “366 Reflexões do dia-a-dia”: Se os animaizinhos procuram oferecer-nos momentos de alegria e prazer, por que não retribuirmos esse toque de amor com outro toque de amor?

### Três Marias

São três. Meninas moças... talvez Marias, três brasileiras.  
Exibem olhares tristes, assustados!

Mas, na união das mãos, mostram-se solidárias no sofrimento e sonham com um amanhã, onde os rostos estamparão sorrisos de sol aberto!



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LINO VITTI  
Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

### De caipira a príncipe

Poucos (entre eles quiçá apenas os prezadíssimos escritora, poetisa e colunista Ivana Negri e o lídimo poeta Ésio Pezzato) sabem que a Piracicaba lítero-acadêmica tem um velho poeta (92 anos e pico), eleito pela Academia Piracicabana de Letras Príncipe dos Poetas de Piracicaba. Honra literária e cultural que dignifica quem quer que seja.

Já faz muitos anos que recebi tão dignificante título que serve para premiar os mais de 70 a 75 anos de minha participação na cultura poética piracicabana, divulgando amiúde na imprensa doméstica (hoje não mais pelo “Jornal de Piracicaba”, que eliminou a Poesia de suas páginas, ignorando a leva de poetas e poetisas com que ela é presenteada pela cultura universal), a produção dessa classe destacada dentro da arte escrita de que somos um povo rico e glorioso.

Fomos assim cerceados em importante parte publicitária de fazer chegar ao povo os nossos sonetos, nossos poemas, nossas rimas – nossa poesia, enfim – a digna e condigna poesia piracicabana. Felizmente e em consideração à cultura desta terra onde floresceram reais e valorosos poetas (isas), a “Tribuna Piracicabana”, num gesto de nobreza para com essa manifestação da arte e beleza, assumiu a maravilhosa responsabilidade de atendimento ao nobre setor da poesia que Francisco Lagreca iniciou e a que a plêiade de artistas do verso e rima deu continuidade, levando à frente a bandeira da Poesia que imensos poetas do mundo sustêm bem alto, como mostra de amor e respeito aos que sonham em estrofes de poemas e sonetos e aos que se deliciam com esse grandioso valor humano da inteligência e amor à arte.

Sinto-me no dever de, como Príncipe da Poesia piracicabana implantada por grandes poetas, dizer a esse tradicional matutino o “Deus lhe pague” pelo apoio que tem dado e vem dando aos nossos brilhantes poetas, divulgando uma página semanal a cargo de dois expoentes de nossa cultura poética: Ivana Maria França de Negri e Ludovico da Silva.

E agradecer à nossa Academia de Letras o reconhecimento dessa manifestação cultural, através de uma revista onde se registra a atividade de seus membros nesse importante setor da arte e beleza escritas. E, de modo especial agradecer a concessão generosa do título de Príncipe dos Poetas, que carrego com orgulho e muito feliz.

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA  
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

### **Declaração de amor à minha terra**

Eu te amei, Piracicaba, desde os primeiros acordes da minha razão, desde os primeiros vislumbres do meu olhar encantado e estarrecido, desde as primeiras palavras de amor que consegui balbuciar.

Amei teus caminhos antes de pó ou de pedra, depois nas ruas e avenidas asfaltadas floridas de flamboyants, de ipês de tantas cores explodidas maravilhadadas nesse chão de perfumes de delícias, a comover os passantes embriagados de tanta formosura e encantos incontáveis... Amei os verdes de tuas árvores, as pequeninas e as frondosas, cujos galhos sempre foram um convite ao repouso e a vontade de não mais deixar de olhar... Amei teu rio, que acariciando o seu curso sempre foi um amante apaixonado e inebriado, derramando seu amor nas tuas margens sedutoras e insaciáveis...

Desde o primeiro momento da minha razão eu te amei, Piracicaba, e te amei em alto e bom som, quieta ou ensolarada em tuas manhãs de deliciosa magnitude, ou barulhenta em teus sons e tuas canções, sem medo de gritar ao mundo esse amor transbordante de ternura e de paz incontáveis...

Eu te amei, Piracicaba, desde o primeiro instante da minha razão! Como uma linda brincadeira quando criança, nas “amarelinhas”, ou no “passa anel”, no “pega-pega” ou “pulando corda”... Depois, eu te amei com tanta loucura quando mulher, e te amei sorrindo, chorando, buscando, morrendo... Nos sorrisos extasiados pelos filhos que vieram trazendo a alegria louca do renovar a cada instante... Eu te amei nas lágrimas que surgiram e nas perdas que torturaram e machucaram, mas que não foram as vencedoras neste meu mundo que é tão teu e tão engrandecidamente majestoso... Eu te amei tantas vezes nas solidões que velavam o sofrimento que, teimoso, queria ganhar as batalhas de qualquer jeito, mas que jamais conseguiu... E eu te amei, Piracicaba morrendo, se preciso fosse, para continuar a viver em ti e por ti, assim,

apaixonadamente... E, muito mais do que isso, o meu amor não está esgotado pelo tempo, pelo contrário é um amor que se renova e que revive mágico, grandioso e encantado, perdido em seus controles e, por isso, sem poder nem imaginar aonde possa chegar ainda...

Apenas sinto que te amei tranquilamente, compridamente, horizontalmente e sem fim de um algo sem começo, sem hermetismo nem formas formadas, normalmente e muito... E tanto... Tanto! E te amei longe ou perto, feliz ou infeliz, com graça e na desgraça... Eu te amei, te amo e te amarei para todo o sempre, terra de meus antepassados e do meu lar, dos que vieram de mim e irão continuar essa trajetória de respeito, admiração e deslumbramento que sempre senti por ti, minha terra tão abençoada!

E quero assim, declarando o meu grande amor por ti, Piracicaba, cantar as emoções coloridas que trazes latentes em teu peito, e te convidar a ser a minha enorme e infinita paixão por toda a eternidade!

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET  
BUELONI**

Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

### **Guarde no cofre**

Um céu azul. Ah, meu Deus, se você consegue ver um pedaço de céu azul da sua janela, da porta da cozinha, de algum lugar do seu escritório ou do consultório, guarde no cofre. Essa visão é maravilhosa e não se pode desperdiçá-la. Há que ser fotografada, ampliada, posta num quadro, emoldurada pelo amor.

Uma sala de jantar, destas bem antigas, o tampo da mesa meio sem brilho, em cujos veios da madeira estão gravadas as histórias de toda a família, as reuniões, os Natais, almoços e jantares, gente em volta contando *causos*, rindo, chorando, suspirando de saudades... Guarde a mesa no cofre.

O seu carro. Que não é novo, mas é a sua cara e raramente dá problema. Você e ele são a mesma pessoa, um é a extensão do outro. Você faz uma baliza de olhos fechados, porque conhece as dimensões do seu carro e ele entende cada manobra sua como se fosse um amigo sincero. Guarde o carro no cofre.

Um rio. Um rio de águas limpas, onde não é jogado nada *in natura*. Ao contrário, as cidades que o circundam tratam o esgoto. O rio tem peixes e você pode vê-los. A mata nativa das margens está preservada. As águas correm brilhando à luz do sol e você crê que seja mesmo o “rio de águas vivas” que espera encontrar um dia. Pegue o rio e guarde no cofre. Tranque bem, memorize o segredo.

Você – homem ou mulher – ganhou de Deus, de presente, aquela alma feminina, altiva e translúcida, das canções do Chico. Guarde esta bênção no cofre.

Uma casa. Ah, uma casa ensolarada, com um recuo salutar nas laterais, de modo que não se ouçam os humores vizinhos. Uma casa com um jardimzinho gracioso na entrada, para plantar ixoras vermelhas. Uma casa onde se dorme o sono dos justos. Onde o coração se alegre e canta. Uma casa de verdade, em cujo terraço acolhedor os anjos fazem

a reunião vespertina para o Ângelus. Guarde-a no cofre, pelo amor de Deus, e não a venda por dinheiro nenhum deste mundo.

Uma gravura de Gauguin, a Virgem de vestido estampado, numa paisagem do Taiti, com o Menino sobre os ombros. Ela está ali, no corredor, onde você começou sua coleção de arte, sem querer, garimpando pôsteres e quadros. Guarde Gauguin no cofre. E reveja quando os olhos pedirem a visão do paraíso.

Ele não fala “a nível de”, “menas”, ou “eu vou estar ligando”, tampouco “casa germinada”. É educado, inteligente, sabe usar um blazer quando é preciso, e é a bondade em pessoa. Case com ele e guarde-o no cofre.

Lembra do caderno brochura, usado lá no antigo primário, em cuja capa de trás estava impressa a letra do Hino Nacional? Se encontrou um desses numa caixa de guardados, com aquela sua letrinha primitiva, manuseie com cuidado e guarde no cofre.

Um travesseiro. Ele é maravilhoso, não dá dor no pescoço e acorda-se flutuando em nuvens de algodão. Celebremos esta bênção, sobretudo depois de experimentar uma montanha deles, juntando pilhas no armário do quarto. Este nosso achado precioso, guardemos no cofre.

Você vive uma paixão devastadora, de ficar sem dormir e sem comer, ou, como diria um amigo fugido, de “arrastar o rabo na cerca”? Guarde esta paixão no cofre.

Os sapos dizem muito do que somos – disse a reportagem na tevê. Estamos usando produtos químicos que afetam os mananciais e causam mutações nos sapos. O brejo está silencioso e não produz mais o coaxar típico. O sapo é uma criatura pacífica e está em extinção. Vendo um destes batráquios por aí, pegue-o delicadamente, faça um carinho nele e guarde-o no cofre.

Uma pessoa. Uma pessoa que parece ter saído de um conto de fadas. Além de tudo, ela sabe dizer “por favor”, “com licença” e “muito obrigado”. Guarde esta criatura do Avatar no cofre. Deixe uma aberturinha para ela respirar, tá?

Um amanhecer com uma luz que você nunca viu. A sensação de plenitude na alma no final da tarde. Um pôr de sol estonteante. A contemplação de estrelas profundas no céu, com lágrimas escorrendo pela face. Guarde toda esta beleza no cofre.

Você já tem mais de 70, mas vai ao baile como se tivesse 20 e ainda sabe dançar tango. Misericórdia! Guarde esta habilidade no cofre. Seu cachorro entende tudo o que você fala para ele. Você tem uma

foto de quando ela ainda não era loira, com o rostinho transbordando juventude e felicidade. Guarde bem fechado no cofre.

Há uma pracinha arborizada perto da sua casa, onde as crianças correm, brincam e tomam sol. Guarde no cofre. Você tem a pele bonita, sem manchas, que sorri quando você sorri e conta a beleza da sua idade. Guarde no cofre. Você tem um sonho para realizar, uma viagem de navio, morar numa praia deserta, estudar Filosofia. Guarde os sonhos no cofre.

Se você tem o livro de crônicas de Clarice Lispector “A descoberta do mundo”, guarde no cofre. Você tem um livro autografado por Drummond? Eu tenho (“Para Marisa, que tanto ama e dignifica os livros.”) e guardo-o no cofre!

Você é uma pessoa feliz, bem resolvida, e passa uma bela imagem de integridade. Guarde-se no cofre! Sua fé é inabalável, a ponto de dar a vida por ela. A fé está acima da sua necessidade básica de sobrevivência? Guarde a fé no cofre. Nos dias de hoje, meu anjo, isso não tem preço, você sabe.

## Poema pobre

Minha pobre poesia  
é sem não-me-toques:  
diz o que sente  
sem retoques

Pois eu digo sem rodeios  
poesia é coisa de muitos meios

A minha é pé no chão  
taipa de fogão à lenha  
leite tirado da vaca  
sonho que se ordenha

É cheiro de grama orvalhada  
som de trovoadas  
pulo do sapo na relva  
vida renovada

Roupa de algodão  
chinelinho rasteiro  
dor no coração  
pombos no viveiro

Pois saibam os senhores  
versos sentem dores  
e estou aqui  
na voragem da vida  
rimando sofrida

Minha poesia paulista  
tem som de viola caipira  
repica numa ciranda  
roda de dança catira

Minha poesia é pobreza  
é sandália franciscana  
tem cheiro de café  
arroubo de fé  
e gosto de cana

Meu poema pobrezinho  
não tem um vintém  
não conhece ninguém  
é sozinho

Vive de migalhas  
de palavras contidas  
veste-se de tralhas  
das horas batidas

Meu pobre poema  
não possui esquema  
nem estratégia  
nem do ovo a gema

Canta pequenino  
as tristes cantigas  
varre o chão de pedras  
deita-se em urtigas

Meu poema pobre  
sem linhagem nobre  
não faz feio:  
vai levando a vida  
como ao mundo veio

Se me envergonho?  
Nada! Até componho  
qualquer um versinho:  
vou pelo caminho  
brada o meu poema  
geme o meu pinho

Meu poema chora  
pela vida afora

Mas percorre altivo  
as frases solares  
e rima festivo  
solto pelos ares...

## Dona Vida

Chega-se a uma altura do bom combate em que começam os questionamentos. A pergunta que mais fazemos à Dona Vida é: por quê? Dona Vida é circunspecta, vive calada e tem cara de poucos amigos. A gente dá uns cutucões nela, provoca, acha que está sendo inteligente e ela nem tchum.

Então, começa-se a ir a velórios, a se despedir dos amigos e das pessoas amadas. Gente da nossa geração que Dona Vida vai levando embora e vem aquele nó no peito. Quem será o próximo? Dona Vida não responde, faz que não é com ela. Dissimulada que dá ódio.

Tenho uma bronca crônica de Dona Vida. Não que ela tenha sido muito má. Não foi. Mas houve vezes em que pedi uma ajudinha extra e ela não estendeu a mão. Ficou aquele travo na boca. Contudo, nenhum grande ressentimento. Hoje, conversamos numa boa, somos até amigas.

Dona Vida não me deu um tantão assim de dinheiro. Nem precisava. Ela sabe que eu não ligo. Fui logo avisando: um prato de comida e um canto para morar tá bom demais. Uma época, apaixonada por São Francisco, fiz voto de pobreza. Ela veio sorrateira e me disse: “Olha lá, hein? É sério?”. Confesso que balancei. Voltei atrás. Lá veio ela, de novo, toda sarcástica: “Acho bom. Fica na tua”.

Uma vez, Dona Vida me convidou para dar uma volta numa curva suspeita. Não fui, claro. Declinei do convite. Ela se ofendeu, cara. “E aí, sua fedelha, me ignorando?”. Não, Dona Vida, que é isso? Só achei que não era coisa para mim. No final, ela me deu os parabéns. Pode?

Dona Vida adora me ver num hospital. Esperneio, discuto, não adianta. Ela vem de mansinho, me faz vestir aquela peça verde-clara que amarra nas costas e me acompanha ao centro cirúrgico. Olho para ela, com lágrimas nos olhos. Penetra-me na veia junto com a anestesia e me sopra no ouvido: “Vai dar tudo certo”. Fecho os olhos, me entrego, confio nela.

Houve um tempo que Dona Vida me colocou numa encruzilhada. Entre a cruz e a espada, como se diz. Foram décadas de um corpo-a-corpo daqueles. Mas esta luta eu venci. Ah, venci. Tenho um baita orgulho de poder dizer: eu-ven-ci!!!

Dona Vida me ajudou. Muito. Ensinou-me a ser temente a Deus, a respeitar e amar o próximo, a ter princípios, a andar direito. Sobretudo: a me contentar com o que eu tenho. Foi a melhor lição. Ela vive me repetindo isso: “Feliz de quem aprende!”.

Bom, quem não aprende com Dona Vida, não aprende com mais ninguém. Dizem que ela é a melhor escola. Há uma porção de almas por aí que nunca pegaram num livro e encham o peito para dizer que estudaram com ela. Dona Vida não tem propriamente um diploma para dar. Mas isso não impede ninguém de se formar.

E os amores, Dona Vida? As paixões? Por que a senhora age como age? Que é isso, santo Deus? Não pode ser menos intempestiva e mais ponderada? Até eu tenho mais juízo! Assim não há fôlego que agüente, minha cara. Tá bom, tá bom. Vá mais devagar, que tento acompanhá-la.

Vinha eu cansada pelo caminho. Você cansado pelo caminho vinha. Eu tinha a alma cheia de sonhos. Você a alma cheia de sonhos tinha. É, Dona Vida!... Você junta, depois separa, a seu bel prazer. E nós ficamos ali, à beira da tumba, olhando para o vazio, sem entender nada...

Ah, Dona Vida, por que você é assim tão misteriosa? Tire este véu da face. “Que queres tu de mim?” – sei de cor todos os boleros e sambas-canções aos quais fui apresentada pelo seu gosto musical. E até os cantei. Mas não fiz carreira. A senhora não me levou a sério. Lembra?

Dona Vida é sábia. Tem lá seus rompantes esquisitos. A gente joga com a maior disciplina e toma cartão amarelo sem parar. Às vezes, não se entra em campo e é preciso ficar no banco de reservas, quietinho. Quem não ficou? E olha, o árbitro da partida é assim com Dona Vida, tomam chopinho juntos toda sexta-feira. Não adianta passar a lábia nele. O homem é fera.

Briguei feio com ela, uma vez. Xinguei Dona Vida dos piores nomes. Acabei com ela. Arrependida, fui à igreja pedir perdão. Um Anjo loiro de longas asas veio sentar-se ao meu lado. Contei tudo a ele, que insultei Dona Vida, que perdi a cabeça. Ele alisou meus cabelos e disse, me consolando: “Todos perdem”.

Quer saber de uma coisa, Dona Vida? Chegamos juntas até aqui. Ponto pacífico. Vim chifrando os barrancos, mas sem a marvada pinga. A senhora é de uma sabedoria a toda prova. Eu sou aquela aluninha ingênua, de olhos arregalados, curiosa – ainda! – e prestes a aprender a lição final. Não embaça, ensine logo, por favor! Estou louca para conhecer este segredo, descobrir o seu sentido.

Dona Vida recua, recolhe-se aos seus aposentos. Alega precisar de um tempo para se recompor. Tem seus humores. Ela é quem manda, sempre. Paciência. Dona Vida detesta e-mail, msn, essas coisas. Não tem conversa. Com ela é tudo ao vivo. Aguardo.



---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MÔNICA AGUIAR CORAZZA  
STEFANI

Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

### Tempo perdido?

Sempre dá tempo  
De convencer o tempo  
A não se perder no vento.

Sempre é hora  
De correr com as horas  
A não se viver de bolas  
E outrora.

Sempre tem  
Difícil hora de ir embora.  
Agora, tudo bem.  
Quando já é hora  
E não demora  
A passar bem

Você já chora,  
Pelas horas  
Que não tem  
Pelo bem  
Que não tem.

Você já chora  
Porque o vento,  
Levou embora  
Como um tormento  
Que você já tem.

Nunca dá tempo  
Afinal,  
O tempo te enrola  
E de tempo e tempo  
O tempo perdido  
E affito  
Vai embora  
Sem demora  
E você não chora.

### **Quero...**

Quero todos os meus cacos colados no vaso.  
Quero todas as minhas migalhas no prato.

Quero remendar meus trapos  
E o que sobrou colar no quadro.

Quero a solidão das noites frias batendo no lado  
de fora do meu quarto  
E das noites quentes assobiando ao meu lado  
nos meus lábios.

Quero te ver de novo  
Vestido de ano novo  
E esquecendo o passado.  
E deixando de lado o outro lado do lago.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO  
Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

## O menino da Candelária

(Conto inspirado no massacre da Candelária, ocorrido em agosto de 1993, quando dezenas de crianças foram brutalmente assassinadas enquanto dormiam, por um grupo de policiais, auto-denominados “justiçeiros do bem”.)

São doze horas. Na praça Pio X, bem no centro do Rio, cerca de cinquenta crianças dormem nas calçadas, sob as marquises e bancas de jornais, depois de mais um dia de batalha pela sobrevivência.

Na Igreja da Candelária, bem próxima, os sinos ressoam devagar, em espaços diminutos, reverentes e lúgubres, dentro da noite escura e fria que, a partir da meia noite, parece mais atemorizante, sob o luar de reflexos sombrios. Um vento mole perpassa pela vegetação, emitindo ruídos abafados que lembram o sopro da morte.

Toninho, um garoto de nove anos, tem medo. É a hora das assombrações, dos sacis de uma perna só, das bruxas e dos lobisomens, das estrepolias dos maus espíritos que vêm ao mundo para assustar e levar com eles os meninos soltos pelas ruas. Alguém lhe dissera isso há muito tempo, contando estórias de arrepiar.

O medo e a fome não o deixam dormir. Naquele dia, o copo de leite com média foi muito pouco. Pensa em voltar *pra* casa, na Rocinha, mas como? O padrasto o escorraça e abusa, tira-lhe o dinheirinho e a comida, quando não consegue grampear. Nem sabia porque o espancavam. E lá o perigo era constante. De espreita. Guerra sem fim entre os guanacos e traficantes. Sempre sobrava *pra* eles. Já vira muitos dos companheiros apagarem sem saber porquê. Brincando de pelada ou de guerra, como os grandes, a guerra virava chumbo de verdade, no peito e na cabeça de muitos. A lembrança dos meninos, “melados” de sangue, estremeceu-o, deu-lhe um frio na espinha. Então saiu de casa, de vez.

Mas já precisava mudar de ponto. Marcelo, dormindo bem ali, do seu lado, está jurado. Fez “ganho” (roubo), dentro de um ônibus, e os PMs querem pegá-lo.

Não fazia outra coisa: fugir da morte. Mais do que as assombrações, apavora-se com os encapuzados, de olhos brilhantes e maus, espiando pelos buracos do pano escuro. Eram os justiceiros que acabavam dando sumiço neles. Queria bem mudar de vida. Apesar da luta, não faz ganho, vende o que pode, papel, chiclete, “santinhos”, procura grampear nos supermercados, carregando pacotes. A professora dona Yvone tem razão, ele leva jeito. Gosta mesmo de desenhar. Nos barcos de muitos tamanhos e formas, imagina-se navegando *pra* bem longe. Gordo, limpo, arrumado, como os meninos ricos, saindo das escolas e dos *shoppings*. Sem assustar ninguém, ou ser chamado de trombadinha. É verdade, cheirou cola algumas vezes, quando a fome doeu muito, e os colegas insistiam, dando-lhe apelidos.

Queria mesmo um lugar lá no tal Centro que o João estava, garantir o rango, o banho, as roupas e o estudo. Há de conseguir.

Pensando nessas coisas boas, o sono veio devagarzinho...

O clarão da lua batia em cheio sobre a Igreja, difundindo uma luz irreal. As portas grandes do templo, escancaradas, convidavam a entrar. Meio sem jeito, juntou sobre os braços, os panos que o cobriam, esgueirou-se depressa por uma das portas, escondendo-se atrás de uma coluna. Havia muita gente ali dentro, e ele se envergonhava dos andrajos, da sujeira, da própria magreza e feiúra.

O interior, iluminado profusamente pelos lustres e velas acesas nos imensos castiçais, oferecia um aspecto fantasmagórico, projetando sombras enormes que se alongavam e diminuíam sobre os espaços das paredes e do chão. Toninho olhava para todos os lados, procurando um rosto amigo, mas a multidão, olhando de cima, apontava-o com os dedos, como um batalhão de inimigos. Encolheu-se como pôde, buscando refúgio nas imagens que o cercavam. Certa vez, uma dona, bonita e chique, a quem prestara um serviço, lhe disse que seu nome era o de um santo bom e protetor. Queria encontrá-lo, mas o povo barrava-lhe a passagem, e sua atitude feroz e vigilante fazia-o sentir-se mais pequeno, nulo e insignificante. Se tentasse alguma coisa, seria derrubado, certamente.

Sentou-se, com dificuldade, experimentando uma surpresa compensadora. Sobre o altar principal da Igreja, divisou muitos anjos, de carne e osso, sorrindo para ele, acenando-lhe e chamando-o pelo

nome inteiro. Até se esquecera de que era Antonio dos Anjos, e seus novos amigos o repetiam numerosas vezes, aumentando o tom das vezes para que todos os ouvissem; “dos Anjos, dos Anjos”, como era doce ouvir aquele coro entoado, pleno de calor, de afeto, de ajuda e de proteção. A expressão da multidão se transmudava, abrindo-se num sorriso coletivo. Já não era um qualquer, sem nome e sem vez. Chegara o seu momento.

Toninho abriu os olhos, acordando com os ruídos. Tudo aconteceu muito depressa. Um homem grandalhão, de óculos escuros, ofereceu-lhe sopa num prato de alumínio. Ergueu-se para aceitar, tinha muita fome. Do prato o homem retirou um revolver e apontou-o. Num relance, divisou outros três, estes encapuzados, fazendo o mesmo com os outros. Tentou escapar. Correu alguns passos e tombou. Bem defronte à Igreja da Candelária...



---

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO OLÍVIO NAZARENO ALLEONI  
Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

“O dedo de Deus” (\*)

Quando fomos convidados pelo Dr. Jairo Mattos, em 2005, a redigir o *Livro do Centenário do Lar dos Velhinhos de Piracicaba*, optamos por nos mantermos o mais ético e eclético possíveis. E, dentro da multiplicidade de histórias ouvidas, algumas optamos por não colocar dentro do texto da referida obra.

Mas, há algumas coisas que não podemos ignorar. A bem dos fatos e em nome do direito inalienável à verdade, não poderíamos deixar de trazer a público alguns acontecimentos, sequelas de valores familiares tidos atualmente como altamente preconceituosos dos séculos XIX e XX, onde, graças ao “dedo de Deus” não tiveram consequências mais desastrosas.

Havia nas cercanias de Piracicaba na primeira metade do século XX uma senhora que, por motivos ignorados, não havia se casado. E os anos passando, a idade aumentando, a solidão crescendo, e sem uma viva alma que rompesse seu isolamento.

E sua vida resumia-se a uma rotina infundável de trabalhos domésticos junto aos pais. Mas um dia chegou o momento de ela sair deste ostracismo diário, e mergulhar no mundo existencial. Encontrara finalmente ela a quem pudesse se dedicar, dar e doar de si, constituindo um novo lar, inteiramente seu.

A família encarou com olhares desconfiados à modificação dia a dia da balzaquiana. Não podiam acreditar que ela, passados de seus cinquenta e tantos anos, viesse a se apaixonar por alguém, e que a recíproca fosse real.

E foi chegado o momento em que todos, curiosos, não puderam

---

\* Acontecimentos que alguns reputam como tendo algum fundo verídico, outros o veem como pura fantasia, principalmente quanto ao relatado na primeira parte do conto, que é fruto da livre imaginação do autor. A história dos acontecimentos com a Irmã é verdadeira.

mais ignorar seus arroubos, e resolveram conhecer o pretendente. E foi uma surpresa e um choque para todos. Era moreno...

Eles, com todos os resquícios dos costumes herdados dos ancestrais dos séculos passados, descendentes de puros caucasianos, brancos, terem uma pessoa de outra raça dentro do lar... Costumes e hábitos diferentes... Não era aceitável... E seu serviço... Um simples trabalhador, sem profissão estabilizada, sem renda fixa, ganhando conforme produzisse... Isto constituía à óptica deles uma ofensa não só aos presentes bem como a todos os ancestrais. Mas eram os valores morais e sociais habituais da época.

Teria ela duas opções oferecidas pelos seus genitores: ou deixava seu amor ou seria desterrada da família. Repetia-se a repugnante herança preconceitual, assim também como o era a perda da virgindade, o lavar a honra com sangue, o assassinato consensual. Não se tolerava ou aceitava um casamento multirracial. A todos estes tipos de fatos bania-se com agressões das mais diversas, o degredo familiar, a prisão em algum convento senão quando até mesmo com a morte.

Mas, não cedeu ela um milímetro que fosse. Não abriria agora mão de sua felicidade, mesmo que tardia. E assim o fez.

O casamento foi preparado rapidamente pelos nubentes. Ela tinha que estar casada antes que fosse expulsa de dentro de casa.

A situação foi discutida com o cônjuge. Era premente tomar alguma decisão. E assim, como na calada da noite, foi marcado o casamento civil e religioso. Rapidamente. Não houve convites, não houve padrinhos, não houve nem convidados nem festa. Não houve nem a presença da família, amigos ou amigas. Apenas uma cerimônia rápida, onde o marido houve por bem providenciar o mínimo necessário para se evitar um ridículo maior. Mesmo na igreja, o padre, imaginando a situação e sentindo-se como conivente em erro e pecado frente aos valores da época, houve por bem fazer da cerimônia algo extremamente rápido. E assim, como tinham entrado pela porta lateral, por aí também saíram, pois a frontal estava trancada. Na igreja, sem ornamentos, mergulhada em penumbra e silêncio quase sepulcral, umas poucas beatas assistiam à cerimônia com o horror estampado nas faces, não parando de benzer-se, da união feita à surdina e que se constituiria farto material para seus comentários maledicentes por bom tempo.

Tomando de seus poucos bens, algumas poucas roupas, dois pares de sapato, um chinelo de sola quase furada, sequer com um tostão de dote e carregando em suas costas a maldição do pai, irmãos e todo

o resto da família, lá se foi ela, feliz com o marido, partindo para uma vida nova, onde reinasse carinho, entendimento e compreensão entre os dois, livre de implicâncias e prejudgmentos.

Morando na casa dos pais dele, em pequeno quarto no quintal, aí construíram seu nicho existencial. Ele, continuando a exercer sua profissão; ela, degredada da família, mas tendo plena aceitação no novo lar que a adotara e exercendo atividades domésticas.

Devido à idade dos cônjuges, o filho que ambos ambicionavam nunca veio. E ficou o vazio da continuidade, do choro, das reinações de uma criança, do porvir de um herdeiro.

O tempo corria, e o mesmo com os pais de seu marido. E houve o tempo em que o alfanje da morte tocou a ambos. Primeiro ao sogro, e, não passado muito tempo, à genitora de seu marido.

A pequena casa onde viviam teve que ser vendida para se repartir os poucos bens. E foram obrigados eles, amargurados, a deixar aquele quarto de quintal, fruto do trabalho dos dois, e irem morar em pequena casa de aluguel.

Continuavam a ter uma vida frugal e satisfatória, apoiando-se, amando-se, não se deixando abater pelas intempéries da vida. Parecia que nada, absolutamente nada poderia romper aquele ciclo de bonança. Mas estavam eles plenamente enganados. Mais uma vez o destino os traíria, reservando aos dois a continuidade das más perspectivas, e do carrear das tragédias.

Houve o dia que ele acordou indisposto. Negou-se a levantar para o trabalho. A dor de cabeça era lancinante. Embebeu um lenço em álcool e água aplicando-o sobre a testa, com resultado infrutífero. Tomou as medicações analgésicas habituais, mas sem nenhum resultado. Tinha que ir ao médico ver o que estava acontecendo, resolver o problema de saúde. Levantou-se para se vestir. O esforço foi a gota d'água. A dor piorou. Como em um passe de mágica, mil estrelas fulgurantes explodiram à sua frente. Um zumbido brutal se instalou em seus ouvidos. E tudo isto foi num crescendo, cada vez maior. Já não sabia se estava em pé ou deitado. Nem onde estava, desconhecia a esposa ao seu lado, e finalmente nem mais sabia quem era. Toda sua percepção estava alterada, era como mil tintas a escorrerem juntas, produzindo os mais diferentes matizes. Assim como tudo havia começado, de súbito tudo se dissipou, a dor, o desespero daquelas sensações desconhecidas. Sumiram a luz, os sons e a consciência. Tudo desapareceu, e com eles a própria vida.

A esposa assistia a tudo, impotente. Viu o marido reclamando. Viu quando ele sentou-se na cama, e sua tentativa infrutífera de ficar em pé. Viu sua queda, quando correu para auxiliá-lo, viu-o morto.

Não podia acreditar no que acontecia. Seu grande amor se esvaindo de suas mãos, e ela totalmente impotente ao que ocorria. Era como tentar segurar a areia entre os dedos, mas ela escorria entre os vãos, e o vento os levava, não o sabia por que e nem para onde. Do grito lancinante em entender o ocorrido, veio o choro convulsivo. Veio o desespero em se ver sozinha, sem o companheiro, a mão amiga que se estendesse e a auxiliasse. Apenas o vento ululante se fazia presente, com ele largado em seus braços.

Não se sabe quanto tempo permaneceu ela assim, mas foi até uma vizinha chegar, chamá-la, adentrar à casa, e ver a cena acre e ferina de uma mulher semidesnuda, com as vestes rasgadas, descabelada e desesperada a embalar um morto em seus braços.

Aqueles dias foram um pesadelo... Os fatos vinham em onda, um atrás do outro... Ela recebendo apoio dos vizinhos... As dificuldades para o sepultamento... Fazer dívidas para pagar o que seria duvidoso de conseguir... A total ausência de qualquer familiar seu... A solidão e o ostracismo. Sentia-se como um cão sarnento, todos a rejeitando, ignorada, jogada ao léu, submetendo-se a todas intempéries do tempo e do destino.

Não podia acreditar que Deus lhe houvesse reservado tudo aquilo para sua existência. Todos os problemas de sua infância, sua juventude. Não pudera frequentar a escola, a não ser nos primeiros anos. Os namorados aproximavam-se e desapareciam quando conheciam sua família. A conduta brutal e preconceituosa de seus pais e irmãos. A mãe, que lhe dava nenhum apoio. O casamento amaldiçoado por todos. Mas havia os dez anos de ternura e felicidade que havia existido com o marido, que constituíam a chama que mantinha suavemente aquecido seu coração...

Agora, que estava um pouco feliz, Deus lhe mandara o anjo da morte para levar o pouco que tinha... Sentiu-se como condenada antes mesmo de ter nascido. Imaginava qual seria ainda o tamanho da cruz que teria de carregar... E por quanto tempo... Não conseguia entender o motivo de sua existência e sobrevivência nesta terra.

Se antes devotava ódio contra quase todos, agora este se voltava também contra Deus. Se existisse, ele seria o responsável por todas estas fatalidades existenciais. Senão seria ela nada mais do que um juguete na mão do próprio diabo.

Não tinha para onde ir. As poucas economias se esvaíram. O gás e os alimentos rarearam dentro de casa. Alguém falou em um lugar chamado de Lar dos Velhinhos de Piracicaba... Uma entidade que vinha a prover para os necessitados.

Com uma pequena bolsa na mão, uma mala surrada preenchida por seus escassos bens, arrastou seu alquebrado corpo e alma até o local para mendigar auxílio e poder conseguir sobreviver.

Entre lágrimas, rememorou os revezes sua existência. Arranjaram uma cama para ela. Um quarto com mais mulheres. Aí seria agora seu novo lar, longe de todos que detestava.

Quando olhava pela janela, via-se rodeada pelos verdes do jardim. Nas árvores centenárias os pássaros cantavam. Lentamente, ela foi construindo novos relacionamentos com outras albergadas. Conheceu outros homens. A vida parecia florescer de novo. A dor lentamente foi abrandando, e a sensação que restava era de um longínquo pesadelo. Mas tudo recrudescia ao ver uma mulher, toda de branco, que andava por todos os locais do Asilo. Era a mulher com roupas branca e preta, com sua pose imponente. Era a mãe responsável pela administração do Lar dos Velhinhos. Quando a via, todo o ódio que nutria por aqueles que a haviam prejudicado renasciam. E canalizava para ela todos seus infortúnios. Seria ela a possessão de Deus ou do diabo a persegui-la? Ela logo passou a ser a encarnação presente da culpa viva de seus maiores pesadelos. E sentia que o único modo de encerrar toda aquela situação seria nada mais do que eliminá-la para sempre de sua frente.

A ideia surgiu lentamente, e aos poucos foi crescendo dia a dia. Agora ela se transformara na fera que a havia mutilado e desgraçado sua existência, era realmente sua inimiga, a causa de todos seus insucessos existenciais. Teve um dia que uma visão a fez entender tudo que acontecia, ela realmente não era freira, mas um demônio menor transfigurado dentro daquele hábito, pessoa bondosa e de fala mansa, e que deveria ser extinta. E isto para o bem não só dela, mas de todos. O próprio Lar se beneficiaria. Era ela a responsável pelo “chá da meia noite”, que tinha como consequência, quase todos os dias, um idoso falecido. Era ela quem os envenenava na calada da noite. Ela era o anjo negro transvestida naquela inocente pessoa. E assim quase todos os dias, tinha ela uma alma para levar ao inferno, exaltando ao querubim que ousara revoltar-se contra Deus, Lúcifer...

Não se sabe como, mas uma arma foi introduzida no Lar dos Velhinhos, indo parar na mão desta senhora. Alguns dizem que foi

um parente dela, outros, algum conhecido muito íntimo que a levou. Outros dizem que ela própria a comprou, com suas parcas economias... Mas todos os fatos até aqui relatados são mera especulação, fruto da imaginação do autor, desconhecendo-se a verdade, agora perdida na imensidão do tempo.

Finalmente, ela agora poderia livrar o Lar do demônio, e o expulsando destas paragens, todos idosos teriam o merecido sossego que se fazia tão necessário e a que tinham direito...

Um dia, pela manhã, chamou a referida freira ao seu quarto, com uma desculpa qualquer. A porta abriu-se e a Irmã penetrou na penumbra do aposento. A senhora perguntou quem era ao ver o vulto, e identificando-a pela voz e silhueta, enterrou a mão entre suas roupas. Quando ela saiu do entremeio destas, surgiu junto uma garrucha. Não teve nenhuma dúvida em estender o braço com a arma, mirar e apertar o gatilho. A explosão ocorreu, e com o clarão que se seguiu, o projétil foi lançado, indo à busca do corpo da irmã. Ela, ao sentir o impacto do projétil contra seu peito apercebeu de um som irreconhecível que se irradiava de sua garganta. A surpresa foi a sensação inicial, logo após seguida pela dor. Alguns breves segundos passaram-se antes que associasse o estampido ao clarão e à dor. Compreendeu que tinha sido atingida por um projétil de arma de fogo. Em altos brados, começou a gritar que estava a morrer...

O som do disparo também atraiu a atenção de outras pessoas. E elas logo correram para ver o ocorrido. Agora, com a janela aberta e o quarto devidamente iluminado, via-se a cena com maiores detalhes. A mulher descabelada, com a garrucha nas mãos, agora já sem munição, sentada na cama, com os olhos esbugalhados, gritando que tinha conseguido matar o demônio, a freira em pé, alguns metros à sua frente, com a mão recobrando o peito, e no branco hábito, uma mancha avermelhada que se espalhava... Mas, apesar do aparente sangramento, tinha ela forças para manter-se de pé e continuar a vociferar do fato, e querer encomendar a alma a Deus...

Depois de desarmada a agressora, as atenções voltaram-se para a madre, que ainda mantinha-se em pé, lívida.

Uma observação mais acurada mostrou que o projétil realmente havia atingido o crucifixo pendente em seu peito, bem por baixo da imagem de Jesus Cristo (que permaneceu incólume), partindo-o em três pedaços, sendo que algumas lascas deste haviam penetrado em sua pele, provocando um pequeno sangramento, sem nenhum perigo para sua vida.

Esta madre posteriormente foi removida para prestar serviços

em outro local, onde, mantendo sua fé e vocação continuou com sua missão cristã. Foi a fundadora da atual Fundação Irmã Ruth de Maria Camargo Sampaio – Firmacasa, no bairro de Nova Aparecida, Campinas. A pequena creche, a Irmã fundou em fevereiro de 1973, com dois dormitórios, sala e cozinha com o nome de Berçário e Creche Casa Nossa Senhora, para dar assistência a crianças órfãs e abandonadas, filhos de presidiários e de pacientes psiquiátricos. Em 1975, a irmã, ao receber um terreno como herança, doou-o, iniciando-se arrecadação de recursos para construção da sede própria, que foi finalizada em 1978. Depois disto, foram realizadas múltiplas ampliações das instalações.

Atualmente a Instituição atende ao respeitoso número de 160 crianças até seis anos em período integral, e em meio período, 180 dos seis aos 14 anos e 30 entre 15 a 24 anos.

A obra de que a Irmã Ruth de Maria Camargo Sampaio lançou a semente constitui seguramente um exemplo desprendimento e abnegação de vida, de devoção e dedicação a obras assistenciais, e permanece como marco ímpar da atividade cristã.

A outra pobre senhora, dentro de seus quadros delirantes, cogita-se que tenha sido transferida a um hospital psiquiátrico, desconhecendo-se seu fim.

E disto tudo, restou para alguns que foram testemunhas ou tiveram conhecimento do fato relatado, da sensação da sorte exagerada da Irmã, e para outros, o milagre que se fazia presente graças ao “Dedo de Deus”, interpondo o crucifixo na trajetória do projétil e defendendo sua súdita da morte.<sup>(\*\*)</sup>



---

\*\* Agradecimentos – Devemos o conhecimento dos fatos aos comentários de sua sobrinha Sra. Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins. Esta, em contato com a irmã caçula da Madre Albina, Sra. Vera Camargo Sampaio Garbosa, e o irmão, Sr. Celso Camargo Sampaio, gentilmente nos forneceram xerox dos registros da Irmã Ruth de Maria Camargo Sampaio. Agradecimentos ao Dr. Jairo Mattos, que fez comentários sobre os referidos acontecimentos. Agradecimentos também por informações verbais fornecidas pela Fundação Irmã Ruth de Maria Camargo Sampaio-Firmacasa.

a vida e fez o que pôde a todo  
 o tempo, mas que tinha mais distan-  
 cia da realidade, com jargões de  
 abstração, como para ser uma  
 pessoa que ela tinha, e como  
 de costume fez o nome de bruto  
 para minha Dabecana Renda  
 e não era o que ela me que-  
 ria.

Eu disse: "por que não de-  
 irá com a minha e a sua  
 e não abstrato."  
 e fallaram cinco minutos para is-  
 so e de manhã, pôde de-  
 ir com as Amis e Comunidade  
 e toda a noite muito, mas a  
 minha Mãe e Dabecana Renda  
 que sempre me guardou isso  
 e não me soava.

e depois a bruta estava  
 e não estava, e meu Crispão, e  
 que acabou a bruta, porque me  
 deu a bruta e a bruta e a bruta  
 e não deu a bruta e a bruta  
 e não deu a bruta e a bruta  
 e não deu a bruta e a bruta

---

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ROSALY APARECIDA CURIACOS  
DE ALMEIDA LEME**

Cadeira nº 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

### Uma Homenagem Justa

Acabo de receber a revista nº 2 da Academia Piracicabana de Letras, leio deslumbrado, um artigo da Acadêmica Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme, que ocupa a Cadeira nº7.cujo patrono é Helly de Campos Melges.

O artigo a que me refiro fala justamente do Professor Helly e o panegírico feito por Rosaly a ele é brilhante ,porque destaca a atuação do seu patrono na Academia, no Instituto Histórico ,na política,na literatura e na igreja.Aborda,ainda,o exercício do jornalismo,o compositor de músicas, o incentivador do esporte.

Como se vê , foi enorme a gama de realizações deixada pelo Professor Helly e Acadêmica Rosaly resalta que “O Professor Helly de Campos Melges nunca se descuidou da forma, seus sonetos e suas trovas eram formas cuidadas, mas nunca deixou que a forma comprometesse a espontaneidade de seus versos.Sua prosa também tinha poesia. O que sempre admirei foi a sua forma de aproximar as pessoas de Deus, da poesia,da literatura e da arte em geral, para isso ele fazia uso de linguagem técnica simples ,sem perder a propriedade das ideias”.

A seguir , a Acadêmica Rosaly disserta sobre a trova,citando várias, de autores diversos, e algumas expressivas de sua autoria.

Justa, justíssima a homenagem prestada por Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme, registrando para os pósteros o exemplo de vida do Professor Helly de Campos Melges.

Luiz Carlos Abritta-Presidente Nacional da União Brasileira de Trovadores

## Sintetizando

Enxuto	
Meu poema	
Fruto	
De força extrema...	Onde está a leveza
Em vez de pranto	A pureza,
Uma lágrima,	A rudeza,
O espanto	A beleza?
Fê-la magma.	Ó tristeza,
Poema condensado,	De poema!
Imprensado,	Sem lema,
Desajeitado,	Sem tema,
Pesado...	Não vida- cinema...
	Poema,
	Faça-se flor
	De amor
	Com espontaneidade
	Realidade
	Felicidade!...

## Mitos e valores

A minha geração carrega culpa,  
 Mesmo até involuntária de tal erro,  
 Ao se desfazer do mito que insulta,  
 Se desfez também deste valor tenro.

Minha geração quis arrebentar  
 Sepulcros caídos, egoísmos,  
 E se surpreendeu agora a matar,  
 Com os símbolos, o amor e o civismo.

A minha geração tem o dever  
 De resgatar com todos os avanços,  
 O grande bem que matou sem querer,  
 Quando só queria retirar ranços.

## Crianças e adolescentes: “trate-os bem e eles irão bem...”

Tratar bem ,crianças e adolescentes, é entender, é estabelecer limites, é dialogar, é educar, é compreender, é ensinar...

As pessoas são iguais perante a Lei Brasileira e perante Deus, todas merecem respeito, porém, as funções são diferentes educadores e educandos.

Quando um quer exercer a função do outro e abandonar a que lhe compete assemelha-se ao pianista, deixando o piano fosse reger a orquestra... a confusão ficaria estabelecida.

O que, hoje, se vê em algumas famílias e ou em algumas escolas... as crianças ou os adolescentes que têm o poder de decisão e não a apenas o direito de questionar e de dialogar.

Alguns pais e alguns professores estão confusos, não só em *que*, mas também em *como* trabalhar com seus aprendizes crianças e adolescentes.

Os educadores devem dar bons exemplos,antes de fazerem suas cobranças.

Que limites colocar e como negociar e cobrar estes limites.

Quais são os valores perenes e os valores efêmeros e como escaloná- los de forma harmoniosa, articulada e crescente.

Há valores perenes (alguns chamam de princípios) e valores efêmeros.

Hoje, parece-nos que há uma confusão de valores.

Pais, educadores e formadores de opiniões, responsáveis pela construção dos valores devem ter e favorecer: mentalidade aberta, acentuada inteligência interpessoal, atitude investigativa, senso crítico, desprendimento intelectual, sensibilidade às mudanças, empatia e inteligência intrapessoal... Para conhecer o outro precisa se conhecer .

Ninguém de nós recebe um manual de instrução ao nascer, então precisamos descobrir como somos, como introjetamos ideias, como aprendemos melhor, tudo isso faz parte de uma busca constante de um auto-conhecimento que deverá nos levar para auto estima desejável, equilibrada e adequada.

Devemos conhecer os nossos próprios sentimentos, saber fazer opções conscientes, e sermos felizes. Para tanto, precisamos gostar de nós mesmo, respeitando-nos e conseqüentemente sendo

respeitado em casa, na escola e em sociedade.

Aos educadores em geral compete ensinar a aprender, a pensar e a desenvolver a criatividade e cidadania.

A educação emocional é uma das tarefas mais difíceis e menos trabalhadas atualmente, a maior parte dos educadores se ocupa muito com conhecimentos de conteúdos programáticos e não raramente em detrimento de uma educação das emoções.

O aprendizado do equilíbrio desejável, do saber lidar com a ansiedade, a verdade, a alegria, as perdas e os ganhos não é uma tarefa fácil, mas é imprescindível que seja realizada.

Todos deveriam aprender a dialogar consigo mesmo e com as outras pessoas.

No processo educativo, deve-se levar em conta as etapas de uma tomada de decisões (nenhuma decisão deve ser tomada apressadamente, nem se perder indefinidamente na indecisão).

Decisões envolvem escolhas e escolha está sempre ligada à perda e ganho.

Tudo isso precisa ser trabalhado.

Os instrumentos para desenvolvermos a empatia parecem ser: a compreensão dos sentimentos e a aceitação dos outros, semelhanças e diferenças, mais principalmente, as diferenças entre valores perenes e efêmeros, dentro da moral e da ética.

A diferença no reconhecimento, no modo como as outras pessoas se sentem em relação às coisas, a questão da hierarquia, da disciplina, dos limites, das funções... cuidados que se deve ter de sermos pessoas e não apenas de representarmos papéis.

Como fazer isto deveria ser uma preocupação constante dos educadores.

Criar laços afetivos é muito mais eficiente e eficaz que punir.

O entusiasmo anda sempre de mãos dadas com o otimismo e nos ajuda a lidar com a raiva, ansiedade, a curiosidade, o medo e a tristeza, propicia condições para a construção da amizade e a “descoberta” do outro.

O valor da cooperação, num mundo tão competitivo em que vivemos deve ser trabalhado, pois esta seria, provavelmente, a melhor forma de realizarmos a administração de conflitos. Tudo isso é aprendido.

A valorização da franqueza, o uso das inteligências múltiplas para a comunicação, construção da consciência, aprendendo a ouvir: ouvir a natureza, a nós mesmos, o outro e a Deus .

A Vida deve ser o grande Valor Perene a ser respeitado e trabalhado.

---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO TOSHIO ICIZUCA**

Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres

**Cadê o Papai?**

Era 31 de dezembro de 1981. Como de costume, eles estavam no sítio dos seus pais em Londrina.

Quando *Tadao* se casou com Maria, neta de portugueses, ficou combinado que todos os Natais passariam na casa dos pais dela, e os Anos Novos na casa dos pais dele. Havia uma razão para que fosse assim: por tradição, os japoneses não comemoram o Natal, mas festejam a entrada do Ano Novo. Os portugueses comemoram ambas as datas, porém o bom senso prevaleceu...

Naquele ano, o casal estava acompanhado de dois filhos adolescentes. Os meninos gostavam de passar alguns dias no sítio com os primos e primas, visto que os irmãos do *Tadao* também seguiam o mesmo procedimento de festejar as datas.

Portanto, a comemoração do Ano Novo no sítio parecia que era pretexto para que as famílias pudessem se reunir e colocar as novidades em dia, e as fofocas também, porque reunião de família sem elas não tem graça. Aliás, como as japonesas gostam de falar da vida alheia... Enquanto os adultos conversam, a criançada se diverte com os brinquedos que ganhou no Natal.

Os velhos anfitriões, seu *Hideo* e dona *Mieko*, não eram de comemorar a festa de passagem de ano, porque no Japão o dia a ser festejado é o primeiro do ano que entra, com uma solenidade típica organizada pela comunidade, e muita comilança. E, segundo a lenda, no Ano Novo se comemora a idade nova, ou seja, todo mundo fica um ano mais velho, independentemente do dia em que nasceu. Ao acreditar que era verdade, a criançada caprichava no visual para festejar o “aniversário”... Bons tempos...

Por tradição, o dia 31 é dia de preparar os quitutes para serem consumidos nos primeiros dias de janeiro, uma vez que a comemoração se estende até o dia três. O prolongamento dos festejos tem uma explicação: no Ano Novo, os habitantes da comunidade têm o costume

de fazer visitas de agradecimento e renovação de pedidos de auxílio mútuo. Dá para se imaginar o porquê dos três dias: longas conversas, muita comilança regada a *sakê* e cerveja... Esse costume vigorou nas comunidades japonesas do interior de São Paulo e Paraná até o início da década de cinquenta. Entretanto, algumas das tradições ainda continuam mesmo na atualidade.

Assim sendo, enquanto as mulheres se ocupavam em fazer quitutes, os marmanjos que não entendiam nada de cozinha passavam o tempo jogando baralho, embora não fossem do agrado das suas esposas, não *nisseis*...

Num dos intervalos de jogatina (sem envolver dinheiro), *Tadao* procurou por seu pai. Não o encontrando, foi ao galpão de armazenamento de uva. A produção de uva tipo "Itália" era por conta do empreiteiro, no entanto o serviço de seleção e encaixotamento do produto cabia ao seu *Hideo*, inclusive entrega à Cooperativa.

Ele estava sozinho entretido no serviço, com sua roupa de trabalho e com o inconfundível boné enfiado na cabeça. Nem parecia que ele tinha setenta e três anos, dos quais quase quarenta como produtor rural. Ficou surpreso ao vê-lo, talvez não esperasse que alguém fosse visitá-lo em pleno dia 31 de dezembro. Ele disse que precisava prepará-las para entregar no dia seguinte.

*Tadao* ficou ao lado do pai e observava atentamente os detalhes da operação de encaixotamento, como seleção das uvas, preparação da caixa, escolha do cacho adequado para cada posição dentro da mesma, e finalmente o fechamento com ripas. A cada operação executada pelo pai, o filho, que era engenheiro, perguntava o motivo do aparente cuidado com o visual do produto acabado. Achando-se habilitado para a execução da tarefa iniciou a operação, tentando ajudá-lo. Seu *Hideo* não disse nada, mas ficou observando todos os detalhes da execução. Ao chegar à operação de fechamento, ele disse: Você pode ser engenheiro, mas para ser empacotador precisa aprender muito... Vou te ensinar como se faz um pacote visualmente apresentável! *Tadao* desistiu de ajudá-lo, sentiu que não estava capacitado para fazer um trabalho que, aparentemente parecia ser elementar diante da sua visão de engenheiro. Aí ele pensou: De fato, cada macaco no seu galho...

A partir desse dia o seu respeito pelo seu *Hideo* e dona *Mieko*, humildes imigrantes que com seus trabalhos conseguiram educar os cinco filhos, dos quais quatro com diploma universitário, não só aumentou como não cansa de agradecer a Deus pelos pais que ele teve como exemplos a seguir.

---

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRÂNICO  
Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

### A boneca italiana

Esta é uma história diferente. Talvez pelo inusitado da situação, hoje é motivo de muitas risadas ao ser lembrada. Mas foi um fato que marcou muito minha infância.

Sempre gostei muito de bonecas. Aliás, até hoje, encanto-me muito mais com bonecas expostas em lojas de brinquedos, vitrines, do que com jóias.

Mais ou menos aos meus seis anos de idade, meu pai me comprou um número de uma rifa de uma boneca italiana, numa daquelas grandiosas festas juninas, que o Colégio Dom Bosco, recém instalado em Piracicaba, oferecia todos os anos. Aliás, eram festas muito lindas, que mobilizavam a cidade toda e que, sem dúvida, deixaram muita saudade.

Para minha surpresa e alegria, fui a ganhadora da famosa boneca italiana – que os padres do Colégio, todos ou quase todos italianos, tinham trazido da Itália para ser rifada nessa festa,

Foi um grande tumulto: todo mundo queria ver a boneca e sua ganhadora. Aí, ao saber do fato, meu pai foi me buscar em casa para receber, dos padres, a famosa boneca.

Com grande espanto, em meio a todas as emoções que uma criança sente ao receber um prêmio, numa grande festa, levei o maior susto: a boneca linda e sorridente – era maior que eu! Claro que quem a levou para casa, dentro de sua enorme caixa, foi o meu pai!...

E, quando a colocou sobre a mesa da sala de jantar, na caixa, ela parecia tudo – menos uma boneca... parecia-me uma menininha morta, dentro de seu caixãozinho...

Bem, não é preciso dizer que, passado o espanto, o medo se apossou de mim...

Como poderia eu carregar, embalar uma boneca tão grande?! E ela era linda – muito linda mesmo... Andava, virava a cabeça para todos os lados, piscava ao caminhar e sentava. Acredito mesmo que, na época, eu era a única menina da cidade que possuía uma boneca

daquelas... Só que como ela era maior do que eu, não podia carregá-la... Coube a uma das minhas irmãs mais velhas, já com seus dez, onze anos, carregá-la para mim, quando eu queria passear com ela... Minha irmã mais nova, então, só conseguia segurar em suas mãozinhas, de frente, para fazê-la andar...

Bem, passada a fase de “conhecimento” meu com ela, fui perdendo o medo. Mas não a quis nunca em meu quarto. Ela ficava sentada num banquinho, ou em pé, no quarto dos meus pais... E, quando eu acordava pela manhã, ia devagarzinho espiar a italianinha (como meu pai a chamava) no quarto deles: lá estava ela, linda, sorridente, com aqueles grandes olhos esverdeados, olhando para mim... como a me pedir um carinho, um abraço... Mas, era difícil eu chegar muito perto dela... Até seu nome – Heidi – demorei para escolher...

Mas lembro-me de alguns fatos que marcaram minha infância, ligados a essa boneca.

Um deles é que meu pai, talvez por eu ser muito clara, miudinha, e com olhos verdes, como os da família dele, me apelidou de “italianinha”, e quando chegou a boneca – “outra italianinha”, – talvez eu tenha me sentido ameaçada, enciumada – coisas de criança, enfim...

Outro fato curioso é que, quando eu me reunia com minhas priminhas ou amiguinhas para brincar, juntávamos nossas bonecas e brinquedos, mas sempre com a seguinte condição delas: “a bonecona não!” Claro que eu concluí que elas também tinham medo dela!

E, para assinalar o destino da famosa boneca italiana, um último fato marcou minha ligação com ela:

Fui uma tarde com uma de minhas irmãs mais velhas à casa de meus avós maternos, como de costume, e como o “noninho”, como o chamávamos, estava acamado, muito doente, resolvi levar a boneca, italiana como ele, para alegrá-lo. Como sempre, foi minha irmã carregando a boneca pelas ruas, algumas quadras, de nossa casa até a casa de nossos avós.

Pois bem, ao entrarmos na casa deles, minha “noninha” se encantou com a boneca. E eu, para alegrar o noninho, quis entrar em seu quarto, dando as mãos para a “bonecona”. Mas, na mesma hora, o noninho chamou sua mulher e perguntou a ela quem era aquela menina com as netas dele. Em vão a “noninha” tentou explicar a ele que ela era uma boneca italiana que eu havia ganho numa rifa do Colégio Dom Bosco – ali perto de onde eles e nós morávamos. Lembro-me, até hoje, de ele, na cama, com aquele “português-italianado” (ou italiano

aportuguesado?) dizendo alto: – “*non gosto de questa minina*”...

Bem, para mim, foi o último passeio com a boneca...

Desse dia em diante, a pobre e linda boneca ficou, definitivamente, no quarto de meus pais... Quando cresci o suficiente para carregá-la, eu já era grande demais para brincar com bonecas... Aí, já adolescente, vestia-a com meus vestidos menores. Minha mãe chegou até a receber uma proposta para vendê-la a uma loja de roupas infantis, para ser usada como modelo em suas vitrines. Mas eu, com dó dela, não quis.

Alguns anos depois, eu, já juvenzinha, preparando-me para ingressar na faculdade, resolvi doá-la, com outras bonecas que eu tinha, a um orfanato feminino de nossa cidade.

Hoje, muitas décadas depois, ao me lembrar dessa boneca, fico pensando o quanto um inusitado presente pode marcar a vida de uma criança...

E, com dó e remorso por não tê-la deixado um único dia em meu quarto, junto das outras bonecas e brinquedos meus, decidi eternizá-la nessa história real.



---

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO**  
Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

### **Lembrança e agradecimento**

Em meados do século passado, quando era comum o uso de calças curtas pelos meninos, gozando minha infância em família bem estruturada, mas com poucos recursos financeiros, não tive oportunidade de frequência escolar antes dos sete anos e meio.

Escolinha infantil, pré-escola, jardim de infância, praticamente não existiam e ficávamos à disposição dos pais para possíveis ensinamentos. Quatro, cinco, seis, sete filhos eram situações comuns e, por esta razão, o empenho, a dedicação e o escasso tempo eram repartidos, quase nada sobrando para cada um dos rebentos.

Em 1948, com choro no primeiro dia, passei a frequentar o ambiente do ensino público, sendo aluno da Prof.<sup>a</sup>. Josephina de Domênico Pinheiro, no chamado sétimo grupo, denominado Dr. Prudente, que ocupava as instalações do atual Museu Histórico e Pedagógico Prudente de Moraes, à Rua Santo Antônio, nº 641. Do segundo ao quarto anos primários, no Grupo Escolar Moraes Barros, à Praça Tibiriçá, fui aluno da Prof.<sup>a</sup>. Maria Emília Cardinali Piedade, de memória prodigiosa, pois até há pouco tempo, com mais de noventa anos, lembrava-se de muitos alunos, suas aptidões e seus comportamentos. Deixou muita saudade quando o Pai a chamou.

Prof.<sup>a</sup>. Adelina Tarsia e sua irmã Prof.<sup>a</sup> Amália Tarsia tinham um Curso preparatório ao Ginásio à Rua Rangel Pestana, 781. Lá estudei, pois para conseguir uma vaga do Sud Mennucci a guerra era cruel. No tal exame de admissão, fui aprovado em segundo lugar, tendo sido ultrapassado pelo Pedro Roberto Almeida de Negri. Até este fato não tinha vontade de estudar; queria mesmo era ser mecânico, sujar minhas mãos de graxa e sentir o cheiro de gasolina.

No curso ginásial, inúmeros professores, dedicados, zelosos, capazes, deram-me exemplo de vida. Passei a gostar dos estudos. Alguns nomes: Maria Celestina Teixeira Mendes Torres (a grande historiadora), Antônio Moraes Sampaio, Argino da Silva Leite, sua esposa Zelinda

Carmona Silva Leite, Evaristo Marques Pereira, Benedicto Antônio Cotrim, Benedicto de Andrade, Manassés Ephraim Pereira, Yolanda Tognozi Munhoz, Mauro Gonçalves, Lino Sansigoio Filho e outros. E assim completei o Ginásio, hoje denominado de quinta a oitava séries do ensino fundamental.

Cursei o Científico (hoje – ensino médio) no próprio Sud Mennucci. Inesquecíveis Mestres me orientaram: Profs. Demosthenes Santos Correa, Abelardo Secarelli, Frederico Alberto Blaauw e outros ofereceram-me ensinamentos e exemplos de vida que ficaram marcados, procurei assimilar e aproveitá-los.

Não posso deixar de registrar que servi ao Exército Brasileiro através do Tiro de Guerra 02-036, em Piracicaba, durante dez meses, escola esta que nos dá magníficos exemplos, mesclando idealismo, patriotismo, disciplina, hierarquia, sacrifício pessoal, garra, determinação etc. Lamento, de forma profunda, que nos dias atuais os jovens, mesmo com plena saúde física e mental, procuram eximir-se desta obrigação.

Com muita facilidade, devido aos ensinamentos de todos eles, fui aprovado no vestibular da Faculdade de Odontologia local, hoje pertencente à Universidade Estadual de Campinas. Nos quatro anos que frequentei o curso de graduação, alguns nomes me marcaram: Profs. Drs. Carlos Henrique R. Liberalli (Diretor), José Merzel, Luiz Antonio Ruhnke, Otto Jesu Crocomo, Ben Hur Carvalhaes de Paiva, Dalton Belmudes de Toledo, Krunislave Antonio Nóbilo, Enéas Lemaire de Moraes, Manoel Carlos Muller de Araujo, Plínio Alves de Moraes, Alfredo Reis Viegas. Deixo de citar muitos outros para não me alongar, mas a todos, meus amigos e colegas, a gratidão pessoal.

Durante o período universitário, envolvi-me nas atividades do Centro Acadêmico em que, como todo jovem, idealista por princípio, tomei algumas atitudes que hoje, já na terceira idade, não repetiria.

No final de 1963, deixei o ambiente universitário, recebendo Diploma de Graduação.

Conclui-se, desta forma, que durante quinze anos aproveitei o ensino público, custeado pela sociedade, ampla oportunidade pela qual expressei meus agradecimentos e, nos dias atuais, de forma voluntária, ofereço horas de minha vida às entidades sem fins lucrativos.

E em especial agradeço aos que se dedicam para editar a “Revista da Academia Piracicabana de Letras”, pois nestas páginas deixo gravadas minhas lembranças e expostos meus agradecimentos.

Mas quando for chamado para a Eternidade, por mais que tenha tentado retribuir, ainda ficarei em débito, pois as oportunidades, os ensinamentos, os exemplos de vida são incomensuráveis.

Permito-me encerrar com um texto que li, admirei, reproduzi, mas cuja autoria até o momento não conheço: *“Se Deus criou as pessoas para serem amadas e as coisas para serem usadas, por que será que amam-se as coisas e usam-se as pessoas?”*.



---

## APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO\*

• As atividades da APL vêm sendo regularmente divulgadas pelo mensário “Linguagem Viva”, que foi fundado em 1989 por Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal, e que, sob a direção de Rosani, se mantém atuante, jamais tendo interrompido sua periodicidade em 23 anos de existência.

• O Acadêmico Cezario de Campos Ferrari foi homenageado no dia 1º de agosto, na Câmara Municipal, recebendo o título de *Piracicabanus Praeclarus*.

• A Acadêmica Ivana Maria França de Negri recebeu a medalha Profa. Branca Motta de Toledo Sachs, da Prefeitura Municipal, em reconhecimento pelo seu trabalho em prol da Literatura em nossa cidade. Um conto de sua autoria foi, também, selecionado para integrar o livro dos 50 anos da Associação Nacional dos Escritores (ANE), sediada em Brasília. Outra escritora piracicabana, Luzia Stocco, também teve um conto selecionado para a mesma antologia.

• “Livros com Pezinhos” é o nome do projeto idealizado pelas Acadêmicas Carmen Pilotto e Ivana Negri, para difundir entre leitores-mirins a ideia de que os livros já lidos precisam caminhar para continuar sua missão de instruir e entreter. Quanto mais passados de mão em mão, mais cultura compartilhada!

• O Acadêmico André Bueno Oliveira recebeu o primeiro prêmio (Grupo Nacional-2) no VI Concurso Projetos de Trovas para uma Vida Melhor, organizado pela União Brasileira de Trovadores/Paraibuna-SP, com trova intitulada “Temperança”.

---

\* O Editor insiste no pedido de que os Acadêmicos o mantenham informado acerca das atividades literárias, culturais e artísticas que realizam. Se todos o fizerem, esta seção da Revista da APL poderá ser bem mais completa e corresponderá de modo adequado ao muito que realmente fazem e produzem os membros de nossa Academia.

• A Acadêmica Maria Helena Corazza lançou, em concorrida sessão realizada no dia 30 de agosto, no Teatro Municipal Dr. Losso Netto, o livro “Crônicas de Maria Helena”, contendo uma seleção de artigos que vem publicando, nos últimos anos, na imprensa piracicabana. Um mês depois, no dia 27 de setembro, em outra seção memorável, realizada na Biblioteca Pública Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, a Acadêmica Myria Machado Botelho efetuou o lançamento de “Fogão a lenha – retrato provinciano”, igualmente composto por crônicas de sua autoria. A resenha das duas obras foi feita pela Acadêmica Ivana Negri na “Gazeta Piracicabana”.

• A Acadêmica Marly Therezinha Germano Perecin publicou estudo intitulado “O resplendor do Vale” na “Revista de Cultura Artística”, publicação universitária da Associação de Cultura Artística de Piracicaba, tendo como editor e coordenador o Prof. José Carlos de Moura. O mesmo número da revista estampou, também, artigo do Acadêmico Armando Alexandre dos Santos, sobre “Homero em salas de aula”.

• O Acadêmico Lino Vitti, Príncipe dos Poetas Piracicabanos, tem enviado frequentes contribuições em italiano para o “Spazio dei Lettori”, do site ítalo-brasileiro [www.oriundi.net](http://www.oriundi.net), o qual divulga semanalmente um boletim informativo com matérias culturais de interesse para brasileiros de ascendência italiana e, de modo geral, para os que descendem de imigrantes das mais variadas procedências.

• A Acadêmica Marisa Amabile Fillet Bueloni, além de colaborar ativamente em jornais piracicabanos, vem publicando também suas poesias e crônicas nos sites [www.debatesculturais.com.br](http://www.debatesculturais.com.br), [www.acordapara.com.br](http://www.acordapara.com.br), [www.aprovincia.com](http://www.aprovincia.com), [www.rainhamaria.com.br](http://www.rainhamaria.com.br) e [www.espacojames.com.br](http://www.espacojames.com.br).

• A Acadêmica Ivana Negri e o escritor Ludovico da Silva têm publicado regularmente na “Tribuna Piracicabana”, aos sábados, resenhas de livros elaboradas por escritores e poetas piracicabanos, sob o título genérico “O que você está lendo”. Até o momento já foram publicadas cerca de 20 resenhas, as quais são difundidas em blogs da internet e mais tarde, quando atingirem número maior, poderão ser reunidas em livro.

• Os Acadêmicos André Bueno Oliveira e João Baptista de Souza Negreiros Athayde participaram como jurados no 12º Prêmio Escriba de Poesia-2012, concurso esse do qual foi coordenador o Acadêmico Felisbino de Almeida Leme. Figurou, entre os trabalhos selecionados para serem publicados na antologia, o poema “Primavera anunciada”, da Acadêmica Marisa Bueloni.

• A Acadêmica Mônica Corazza Stefani participou do Encontro Bem Viver – Reflexões sobre o Viver Coletivo, realizado no Espaço Catavento, em Piracicaba, no dia 18 de setembro, reunindo arquitetos, artistas e estudiosos da sustentabilidade, num esforço conjunto “para refletir sobre as propostas, tendências e melhores práticas ao viver coletivo”.

• O Acadêmico Armando Alexandre dos Santos representou a APL no Primeiro Encontro Inter-Regional de Academias Municipais de Letras e Entidades Afins, realizado em Bauru, no dia 20 de outubro, por iniciativa da Academia Bauruense de Letras, proferindo, no evento, palestra sobre “Academias de Letras – sua história e seu papel no momento presente”. O mesmo acadêmico viajou a Portugal, juntamente com os Profs. Jorge Pimentel Cintra e Alberto Luiz Schneider, a fim de participarem de um seminário promovido pela Câmara Municipal de Mértola, pela Agência Regional de Promoção Turística do Alentejo e pelo Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico da Diocese de Beja, sobre o bandeirante Antônio Raposo Tavares. Os três convidados representaram o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo em diversos atos ali realizados e proferiram palestras em Mértola, terra natal do bandeirante. O tema exposto pelo nosso confrade foi “O bandeirismo e a psicologia empreendedora dos paulistas”.

---

**Erratum:** no dossiê especial sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, publicado no último número de nossa revista, constou erradamente que os versos que ornaram o monumento ao Soldado Constitucionalista, na praça central de Piracicaba, foram escritos por Francisco Lagreca quando este tinha apenas 13 anos de idade. Na realidade, a poesia composta por Lagreca adolescente, que atesta sua extraordinária precocidade literária, foi “O Salto”, que assim principiava: “Bravio, intrépido, indomável, / Como se fossem leões na jaula impenetrável, / O rio, com as jubas crespas, vem rolando, / Vem avançando, / Numa fatal carreira, / Até cair na pedreira. / Ruge, reboa, atoa, fala, canta, / E a espumarada ferve, referve, / sobre o leito, / Que é como o peito / De um imenso gigante. (...)”. O Editor reconhece a falta e agradece a gentileza da correção ao seu amigo Poeta Esio Antonio Pezzato.



## REGISTRO HISTÓRICO

A Academia Bauruense de Letras, após muito esforço e depois de meses de intenso trabalho de articulação e contatos, afinal conseguiu realizar um velho sonho dos acadêmicos membros de Academias de Letras municipais do Estado de São Paulo: realizou-se em Bauru, no dia 20 de outubro, com grande brilho, o Primeiro Encontro Inter-Regional de Academias Municipais de Letras e Entidades Afins.

O Encontro se deu nas amplas e confortáveis dependências do SESI, com aproximadamente 170 participantes, representando 20 cidades do interior do Estado de São Paulo. O clima geral, reinante entre os presentes, era de grande entusiasmo pelo sucesso do evento. A mais numerosa delegação foi a da Academia de Letras de Botucatu, seguida pela de Jaú. No próximo ano, deverá ser realizado em Lençóis Paulista o Segundo Encontro, coordenado pela Academia de Letras local.

Para registro histórico, transcrevemos a seguir o programa e reproduzimos algumas fotografias do evento pioneiro.

### PROGRAMA

ACADEMIA BAURUENSE DE LETRAS  
PRIMEIRO ENCONTRO INTER-REGIONAL DE ACADEMIAS  
MUNICIPAIS DE LETRAS E ENTIDADES AFINS  
DIA 20 DE OUTUBRO, DAS 8 ÀS 17 HORAS, NO CENTRO  
EDUCACIONAL DO SESI, BAURU, SP.

Primeira parte – das 8 às 12 horas

01. Recepção dos convidados.
02. Inscrições (crachás, pastas etc.)
03. Café da manhã (cortesia).
04. Às 9 horas, constituição da mesa diretora pelas autoridades presentes, representantes das Academias e Entidades afins.
05. Hino Nacional pela Banda Municipal.
06. Abertura oficial pelo Dr. Nilson Ferreira Costa, Presidente da A.B.L.
07. Saudações, em nome do Município, pelo Sr. Elson Reis, Secretário Municipal da Cultura.

08. Palavras de boas-vindas pelo Diretor do SESI, Prof. Clóvis Aparecido Cavenaghi Pereira.

09. Canto de trovas duplas pelos membros da União Brasileira dos Trovadores

10. Breves palavras dos Presidentes das Academias e Entidades presentes.

11. Palestra “Incentivo à Leitura” e declamação, pelo Poeta Munir Zalaf.

12. Palestra “Narrativa literária, artigo de primeira necessidade”, pelo escritor Menalton Braff.

13. Das 12 às 13h30 horas, almoço no próprio recinto (cortesia).

Segunda parte – das 13h30 às 17 horas

14. Reconstituição da Mesa Diretora e reinício dos trabalhos.

15. Palestra “Academias de Letras – sua história e seu papel no momento presente”, pelo Prof. Armando Alexandre dos Santos.

16. Apresentação de audiovisual em prosa e verso sobre o Acordo Ortográfico de 1990, pelo Dr. José Perea Martins.

17. Apresentações, discussões e deliberações de propostas ordinárias e extraordinárias.

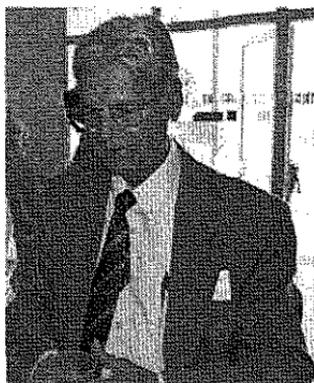
18. Workshop integrativo e trocas de idéias.

19. Escolha da próxima cidade que deverá sediar o II Encontro Inter-Regional de Academias de Letras e Entidades afins.

20. Premiação das delegações mais numerosas, entrega dos certificados e encerramento.

Comissão Organizadora – Acadêmicos: Darci Ferreira da Luz, Joaquim Elísio Mendes, José Perea Martins, Maria do Carmo A. Correa, Mariluci Genovez, Pedro Grava Zanotelli, Rosa Leda Arcoci Gabrieli e Ana Maria Barbosa Machado.

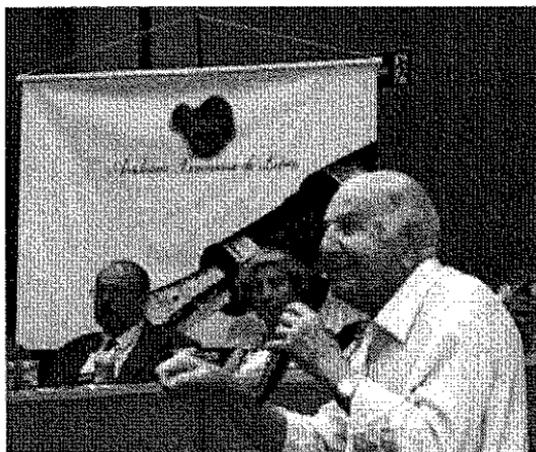
**Dr. José Perea Martins,**  
diretor da Academia Bauruense de  
Letras e organizador do evento



**Mesa de abertura do Encontro.** Presidindo à sessão, o Dr. Nilson Martins Costa, presidente da ABL e antigo prefeito de Bauru. À sua esquerda, sentado, o secretário municipal da Cultura, Sr. Elson Reis. De pé, fazendo uso da palavra, o Dr. José Perea Martins.



Apresentação da  
**Banda Sinfônica**  
**Municipal de Bauru**



Conferência do **Poeta Munir Zalaf**



Conferência do representante da **Academia Piracicabana de Letras**

## DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Presidente – Maria Helena Vieira Aguiar Corazza  
 Vice-Presidente – Gustavo Jacques Dias Alvim  
 Primeiro Secretário – Felisbino de Almeida Leme  
 Segunda Secretária – Rosaly Aparecida Curiacos de Almeida Leme  
 Primeiro Tesoureiro – Waldemar Romano  
 Segundo Tesoureiro – Antonio Carlos Fusatto  
 Bibliotecária – Marly Therezinha Germano Perecin  
 Conselho Fiscal – Cezário de Campos Ferrari  
                           Elias Salum  
                           Gregório Marchiori Netto

## GALERIA ACADÊMICA

Alexandre Sarkis Neder – Cadeira n° 13 – Patrono: Dario Brasil  
 André Bueno Oliveira – Cadeira n° 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs  
 Antonio Carlos Fusatto – Cadeira n° 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda  
 Antonio Carlos Neder – Cadeira n° 15 – Patrono: Archimedes Dutra  
 Aracy Duarte Ferrari – Cadeira n° 16 – Patrono: José Mathias Bragion  
 Armando Alexandre dos Santos – Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado  
 Carla Ceres Oliveira Capeleti – Cadeira n° 17 – Patrona: Virginia Prata Grigolin  
 Carlos Moraes Júnior – Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida  
 Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – Cadeira n° 19 – Patrono: Ubi-  
                           rajara Malagueta Lara  
 Cássio Camilo Almeida de Negri – Cadeira n° 20 – Patrono: Benedito Evan-  
                           gelista da Costa  
 Cezário de Campos Ferrari – Cadeira n° 12 – Patrono: Ricardo Ferraz do Amaral  
 Elda Nympha Cobra Silveira – Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de  
                           Almeida Junior  
 Elias Jorge – Cadeira n° 22 – Patrono: Erotides de Campos  
 Elias Salum – Cadeira n° 5 – Patrono: Leandro Guerrini  
 Evaldo Vicente – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz  
 Felisbino de Almeida Leme – Cadeira n° 8 – Patrono: Fortunato Losso Neto  
 Francisco de Assis Ferraz de Mello – Cadeira n° 26 – Patrono: Nelson Cam-  
                           ponês do Brasil  
 Geraldo Victorino de França – Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo  
                           Pisa Junior

Gregorio Marchiori Netto – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto

Gustavo Jacques Dias Alvim – Cadeira n° 29 – Patrona: Laudelina Cotrim de Castro

Homero Anefalos – Cadeira n° 30 – Patrono: Jorge Anefalos

Homero Conceição Moreira de Carvalho – Cadeira n° 31 – Patrono: Victório Ângelo Cobra

Ivana Maria França de Negri – Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Jamil Nassif Abib (Mons.) – Cadeira n° 1 – Patrono: João Chiarini

João Baptista de Souza Negreiros Athayde – Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira

João Umberto Nassif – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes

Leda Coletti – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

Lino Vitti – Cadeira n° 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – Cadeira n° 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

Marisa Amábil Fillet Bueloni – Cadeira n° 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

Marly Therezinha Germano Perecin – Cadeira n° 2 – Patrona: Jaçanã Althair Pereira Guerrini

Mônica Aguiar Corazza Stefani – Cadeira n° 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira

Myria Machado Botelho – Cadeira n° 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

Olívio Nazareno Alleoni – Cadeira n° 25 – Patrono: Francisco Lagreca

Paulo Celso Bassetti – Cadeira n° 39 – Patrono: José Luiz Guidotti

Pedro Caldari – Cadeira n° 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

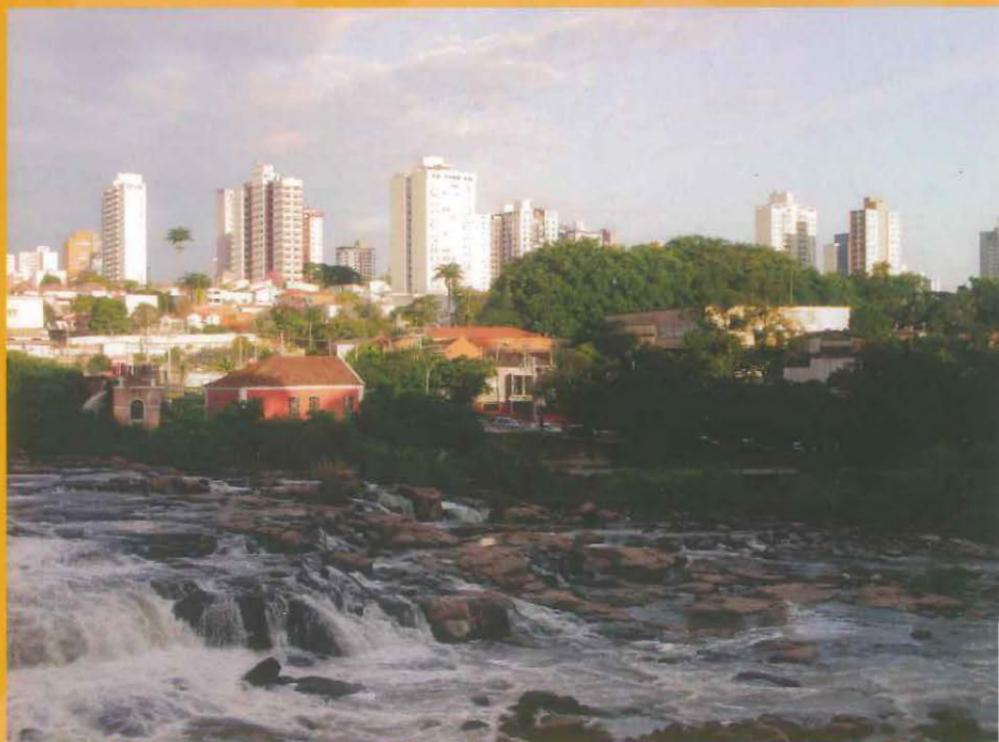
Rosaly Aparecida Curiaços de Almeida Leme – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges

Toshio Iczuca – Cadeira n° 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres

Valdiza Maria Caprânico – Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Waldemar Romano – Cadeira n° 11 – Patrono: Benedicto de Andrade





ISSN 2377-2797



9 772377 279006



EQUILIBRIO  
editora